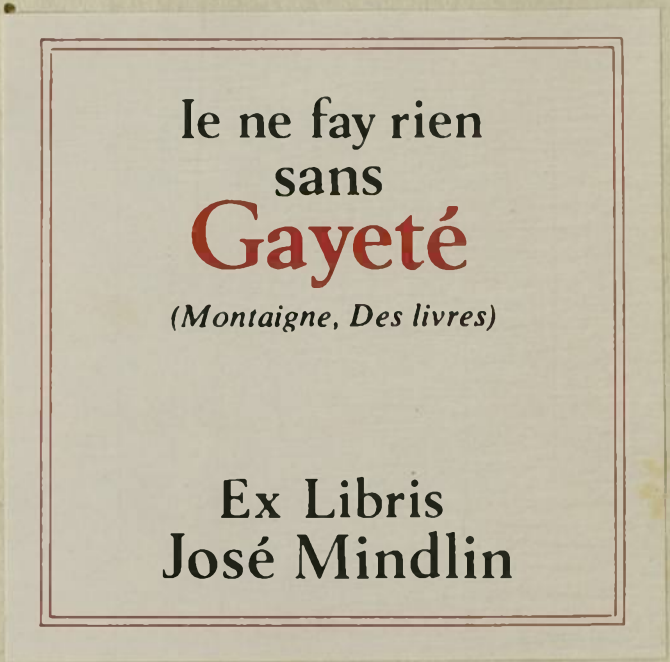
Ex Libris
Eduardo Prado

rasg. III-5
II-9
1.75.

No Cat. da Bibl. de.
Ed. Prado. pg. 162
nº 2601.

G. Leg 9

" da maior raridade"
in Moraes, V. I
pg. 309/10.


Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

# MARILIA
## DE
# DIRCEO.

POR T. A. G.

PRIMEIRA PARTE.

QUARTA EDIÇÃO.

BAHIA:

Na Typog. de Manoêl Antonio da Silva Serva.
Anno de 1812.
*Com as licenças necessarias.*

# MARILIA

DE

# DIRCEO.

## LYRA I.

EU, Marilia, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado:
Os Pastores, que habitão este monte,
Respeitão o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste:
Ao som della concérto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só appreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser Senhora.
He bom, minha Marilia, he bom ser dono,
De hum rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais que hum rebanho, e mais que hum throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Os teus olhos espalhão luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoila, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são côr da neve.
Os teus cabellos são huns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vapóra.
Ah! não, não fez o Ceo, gentil Pastora,
Para gloria de Amor igual Thesouro.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar huma rez, o nedco gado.
Já destes bens, Marilia, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta,
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês hum riso.
Graças, Marilia bella.
Graças á minha Estrella!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço;
Aqui descançarei a quente sésta,
Dormindo hum leve somno em teu regaço:
Em quanto a luta jogão os Pastores,
E emparelhado correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Depoisque nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra,
Na campa, rodeada de cyprestes,
Leráõ estas palavras os Pastores:
„ Quem quizer ser feliz nos seus amores,
„ Siga os exemplos, que nos derão estes „
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

## LYRA II.

PINTÃO, Marilia, os Poetas
A hum menino vendado,
Com huma aljava de settas,
Arco empunhado na mão:
Ligeiras azas nos hombros,
O tenro corpo despido,
E de Amor, ou de Cupido
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego,
Que assim seja Amor; pois elle
Nem he moço, nem he cego,
Nem settas, nem azas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Hum retrato mais perfeito,
Que elle já ferio meu peito;
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeão,
São que os de Apollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, hum composto
Da mais formosa união.

Tem redonda, e liza testa,
Arqueadas sobrancelhas,
A vóz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são huns sóes.
Aqui vence Amor ao Ceo,
Que no dia luminoso
Ō Ceo tem hum Sol formoso,
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beiços são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito
Dei logo hum suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava:
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso;
Elle, ouvindo os seus louvores,
Com hum modo desdenhoso
Se surrio, e não fallou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta;
Não me deo tambem resposta,
Constrangeo-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo
Animado da esperança;
Busco dar hum desaffogo
Ao cansado coração.
Pégo em seus dedos nevados,
E querendo dar-lhe hum beijo,
Cubrio-se todo de pejo,
E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Comtigo estarás dizendo,
Que he este o retrato teu.
Sim, Marilia, a copia he tua,
Que Cupido he Deos supposto;
Se ha Cupido, he só teu rosto;
Que elle foi quem me venceo.

## LYRA III.

DE amar, minha Marilia, a formosura
Não se pódem livrar humanos peitos.
Adorão os Heroes; e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marilia, despreza huma belleza,
A luz da razão precisa;
E se tem discurso, pisa
A Lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
Huma vez se mudou em chuva de ouro:
Outras vezes tomou as várias fórmas
De General de Thebas, velha, e touro.
O proprio Deos da Guerra deshumano
Não viveo de amor illeso;
Quiz a Venus, e foi prêso
Na rede, que lhe armou o Deos Vulcano.

Se amar huma belleza se desculpa
Em quem ao proprio Ceo, e terra move;
Qual he a minha gloria, pois igualo,
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?
Amou o Pai dos Deoses Soberano
Hum semblante peregrino:
Eu adoro o teu divino,
O teu divino rosto, e sou humano.

## LYRA IV.

MARILIA, teus olhos
São réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pezados
De injusto Senhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingoa prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

A vista surtiva,
O riso imperfeito,
Fizerão a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda, e maior.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te;
Levava o teu gado
A' fonte mais clara.
A' vargem, e prado
De relva melhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia nos ninhos
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se algum te louvava,
De gôsto me enchia;
Mas sempre o ciume
No rosto accendia
Hum vivo calor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se estavas alegre,
Dirceo se alegrava;
Se estavas sentida,
Dirceo suspirava
A' força da dor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Fallando com Laura,
Marilia dizia;
Surria-se aquella,
E eu conhecia
O erro de amor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me deste,
Da tua fé pura
Hum doce penhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste;
E a Olaia frondosa,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor,
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tyranno
Te obriga a deixar-me;
Pois busca o meu damno
Da sorte, que for.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

---

## LYRA V.

ACASO são estes
Os sitios formosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O manso rebanho,
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Daquelle penhasco
Hum rio cahia,
Ao som do sussurro
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Meus versos alegre
Aqui repetia:
O E'co as palavras
Tres vezes dizia.
Se chamo por elle,
Já não me responde;
Parece se esconde,
Cansado de dar-me
Os ais, que lhe dou.
São estes os sitios?
São estes, mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aqui hum regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flores, e feno:
A'esquerda se erguia
Hum bosque fechado;
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?
Accaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de hum dia?
Existem as fontes,
E os freixos copados;
Dão flores os prados,
E corre a cascata,
Que nunca seccou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor, e saudade.
Os sitios formosos,
Que já me agradárão,
Ah! não se mudárão;
Mudarão-se os olhos,
De triste que estou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

## LYRA VI.

OH! quanto póde em nós a vária Estrella!
Que diversos que são os genios nossos!
Qual sólta a branca vella,
E affronta sobre o pinho os mares grossos.
Qual cinge com a malha o peito duro;
E marchando na frente das cohortes,
Faz a torre voar, cahir o muro.

O sordido avarento em vão trabalha
Que possa o filho entrar no seu thesouro:
Aqui fechado estende
Sobre a taboa, que vérga, as barras de ouro.
Sacode o jogador do cópo os dados;
E n'uma noite só, que ao somno rouba,
Perde o resto dos bens, do pai herdados.

O que da voráz gulla o vicio adora
Da lauta meza os seus prazeres fia.
E o terno Alceste chora
Ao som dos versos, a que o genio o guia.
O sabio Gallileo toma o compasso,
E sem voar ao Ceo, calcula, e mede
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço.

Em quanto pois, Marilia, a vária gente,
Se deixa conduzir do proprio gôsto;
Passo as horas contente
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cansar-me a saber se o Sol se move,
Ou se a terra voltêa, assim conheço,
Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos;
E noto as faces de jasmins, e rosas:
Noto os teus olhos bellos;
Os brancos dentes, e as feições mimosas.
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,
Minha bella Marilia, tambem póde
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.

## LYRA VII.

Vou retratar a Marilia,
A Marilia, meus amores;
Porém como? se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores?
Dar-m'as a terra não póde;
Não, que a sua côr mimosa
Vence o lyrio, vence a rosa,
O jasmim, e as outras flores.
Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traze-me as tintas do Ceo.

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos hum pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Cores, que sejão iguaes.
Porém não, que em parallelo
Da minha Nynfa adorada
Perolas não valem nada,
Não valem nada os coraes.
Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traze-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar-se pódem
Taes bellezas, como aquellas,
Que Marilia tem nos olhos,
E que tem nas faces bellas.
Mas as faces graciosas,
Aos negros olhos, que matão,
Não imitão, não retratão
Nem Auroras, nem Estrellas.
Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traze-me as tintas do Ceo.

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma Esféra:
Venha Pallas, venha Juno,
Venha a Deosa de Cithéra.
Porém não, que se Marilia
No certame antigo entrasse,
Bem que a Paris não peitasse,
A todas as tres vencêra.
Vai-te, Amor, em vão soccorres
Ao mais grato empenho meu:
Para formar-lhe o retrato
Não bastão tintas do Ceo.

## LYRA VIII.

MArilia, de que te queixas?
De que te roube Dirceo
O sincero coração?
Não te dêo tambem o seu?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amão: só Marilia
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

Em tôrno das castas pombas
Não rulão ternos pombinhos?
E rulão, Marilia, em vão?
Não se affagão c'os biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amão: só Marilia
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

Já viste, minha Marilia,
Avezinhas, que não façáo
Os seus ninhos no verão?
Aquellas, com quem se enlação,
Não vão cantar-lhes defronte
Do molle pouso, em que estão?
Todos amão; só Marilia
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

Se os peixes, Marilia, gerão
Nos bravos mares, e rios,
Tudo effeitos de Amor são
Amão os brutos impíos,
A serpente venenosa,
A Onça, o Tigre, o Leão.
Todos amão: só Marilia
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

As grandes Deosas do Ceo
Sentem a setta tyranna
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endymião?
Todos amão: só Marilia
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

Desiste, Marilia bella,
De huma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chama he inspirada
Pelo Ceo, pois nella assenta
A nossa conservação.
Todos amão: só Marilia
Desta lei da Natureza
Não deve ter isenção.

## LYRA IX.

EU sou, gentil Marilia, eu sou captivo,
Porem não me venceo a mão armada
De ferro, e de furor:
Huma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força, que não seja
A' tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
Cadêas nas bigornas trabalhadas
Com pezados martellos:
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tyranna guerra:
Sacode a setta ardente;
E sendo despedida cá da terra,
As nuvens rompe, chega ao alto Empyreo,
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas
Tirão, Marilia, os succos saborosos
Das orvalhadas flores:
Pendentes dos teus beiços graciosos
Ambrosias chupão, chupão mil feitiços
Nunca fartos Amores.

O vento quando parte em largas fitas
As folhas, que' menêa com brandura;
A fonte crystalina,
Que sobre as pedras cahe de immensa altura,
Não fórma hum som tão doce, como fórma
A tua vóz divina.

Em tôrno dos teus peitos, que palpitão,
Exhalão mil suspiros desvelados
Enxames de desejos;
Se encontrão os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropellem, voão, chegão,
E dão furtivos beijos.

O Cisne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas, e o pescoço;
A náo, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o panno grosso,
O teu garbo não tem, minha Marilia,
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade;
Eu prézo o captiveiro: sim, nem chamo
A' mão de amor impía:
Honro a virtude, e os teus dotes amo:
Tambem o grande Achilles veste a saia,
Tambem Alcides fia.

## LYRA X.

SE existe hum peito,
Que isento viva
De chamma activa,
Que accende Amor.
Ah! não habite
Neste montado;
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra, que o impio
Aqui se esconde,
Não sei aonde;
Mas sei que o vi.
Traz novas settas,
Arco robusto;
Tremi de susto,
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortaes,
Quantos signaes
O Impio tem.
Oh! como he justo
Que todo o humano
Hum tal tyranno
Conheça bem!

No corpo ainda
Menino existe;
Mas quem resiste
Ao braço seu?
Ao negro Inferno
Levou a guerra;
Venceo a terra,
Venceo o ceo.

Já mais se cobrem
Seus membros bellos;
E os seus cabellos
Que lindos são!
Vendados olhos,
Que tudo alcanção,
E já mais lanção
A setta em vão.

As suas faces
São côr da neve;
E a bocca breve
Só risos tem.
Mas, ah! respira
Negros venenos,
Que nem ao menos
Os olhos vêm.

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.
Fere com estas
Agudas lanças
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a setta falta,
Tem outra prompta,
Que a dura ponta
Já mais torceo.
Ninguem resiste
Aos golpes della:
Marilia bella
Foi quem lha deo.

Ah ! não sustente
Dura peleja
O que deseja
Ser vencedor.
Fuja, e não olhe,
Que só fugindo
De hum rosto lindo
Se vence Amor.

## LYRA XI.

NÃo toques, minha Musa, não, não toques
Na sonorosa Lyra,
Que ás almas, como a minha, namoradas
Doces Canções inspira:
Assopra no clarim, que apenas sôa,
Enche de assombro a terra;
Naquelle, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórma
Cupido o seu thesouro:
Vivos olhos, e faces côr da neve,
Com crespos fios de ouro;
Meus olhos só vêm gramas, e loureiros;
Vêm carvalhos, e palmas;
Vêm os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe, que já no berço
As Serpes despedaça;
Que fere os Cácos, que destronca as hydras,
Mais os leões, que abraça.
Cantemos, se isto he pouco, a dura guerra
Dos Titães, e Tyfêos,
Que arrancão as montanhas, e atrevidos
Levão armas aos Ceos.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,
Que a voz tambem levanto;
Porém tu déste muito acima o ponto,
Dirceo não póde tanto:
Abaixa, minha Musa, o tom, que ergueste;
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer *Heroe*, e *Guerra*,
E só, *Marilia*, digo,

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior,
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim, agora
Meu canto já se affina;
E a humana voz parece que ao som dellas
Se faz tambem divina.
O mesmo, que cercou de muro a Thebas,
Não canta assim tão terno;
Nem póde competir comigo aquelle,
Que desce ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves
Mostrão signaes de espanto,
Erguem os collos, voltão as cabeças,
Parão o ledo canto:
Move-se o tronco, o vento se suspende,
Pasma o gado, e não come:
Quanto pódem meus versos! Quanto póde
Só de Marilia o nome!

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

## LYRA XII.

TOpei hum dia
Ao Deos vendado,
Que descuidado
Não tinha as settas
Na impia mão.
Mal o conheço,
Me sóbe logo
Ao rosto o fogo,
Que a raiva accende
No coração.

*Morre, tyranno,*
*Morre, inimigo:*
Mal isto digo,
Raivoso o apérto
Nos braços meus.
Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se
Tambem me aperta
Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto ;
Ah ! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão !
Poude suster-se
A vêz primeira ;
Mas á terceira
Nos pès, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo,
Ferro aguçado
No já cançado
Peito, que arqueja,
Mil golpes dêo.
Suou seu corpo ;
Tremêo gemendo ;
E a côr perdendo,
Batêo as azas ;
Em fim morrêo.

Qual bravo Alcides,
Que a hirsuta pelle
Vestio daquelle
Grenhoso bruto,
A quem matou.
Para que próve
A empreza honrada,
C' o a mão manchada
Recolho as settas,
Que me deixou.

Ouvio Marilia
Que Amor gritava,
E como estava
Visinha ao sitio
Valer-lhe vem.
Mas quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O féro monstro
Indicio tem.

Então Marilia,
Que o vê de perto
De pó cuberto,
E todo envolto
No sangue seu,
As mãos aperta
No peito brando,
E afflicta dando
Hum ai, os olhos
Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle
Compadecida;
Lava a ferida
C'o pranto amargo,
Que derramou.
Então o monstro
Dando hum suspiro,
Fazendo hum gyro
C'o a baça vista,
Ressuscitou.

Respira a Deosa;
E vem o gôsto
Fazer no rosto
O mesmo effeito,
Que fez a dôr.
Que louca idéa
Foi, a que tive!
Em quanto vive
Marilia bella,
Não morre Amor.

---

## LYRA XIII.

OH! quantos riscos,
Marilia bella,
Não atropella
Quem cego arrasta
Grilhões de Amor!
Hum peito forte,
De acordo falto,
Zomba do assalto
Do vil traidor.

O amante de Hero
Da luz guiado,
C'o peito ousado
Na escura noite
Rompia o mar.
Se o Helesponto
Se encapellava,
Ah! não deixava
De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio
A heroicidade
Esta verdade,
Minha Marilia,
Prova tambem.
Cheio de esfôrço
Vai ao Cocyto
Buscar afflito
Seu doce bem.

Que acção tão grande
Nunca intentada!
Ao pé da entrada
Já tudo assusta
O coração!
Pendentes rochas,
Campos adustos,
Que nem arbustos
Nem hervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Acheronte,
Rio de ardente
Mortal licor.
Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflammada,
Que mete horror.

Que seguranças!
Que fechaduras!
As portas duras
Não são de lenhos;
De ferro são.
Por tres gargantas,
Quando alguem bate,
Raivoso late
O negro cão.

Dentro da cova
Soão lamentos;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz!
Minos a pena
Manda se intime
Igual ao crime,
Que alli conduz.

Grande penedo
Este carrega ;
E apenas chega
Do monte ao cume,
O faz rolar.
A pedra sempre
Ao valle desce,
Sem que elle cesse
De a ir buscar.

Nas limpas aguas
Habita aquelle :
Por cima delle
Verdejão ramos,
Que pomos dão.
De balde a bocca
Molhar pertende ;
De balde estende
Faminta mão.

Tem outro o peito
Despedaçado :
Monstro esfaimado
Já mais descança
De lho roêr.
A rôxa carne,
Que o abutre come,
Não se consome,
Torna a crescer.

Mas bem que tudo
Pavor inspira,
Tocando a lyra
Desce ao Averno
O bom Cantor.
Não se entorpece
A lingua, e braço;
Não treme o passo,
Não perde a côr.

Ah! tambem quanto
Dirceo obrára,
Se precisára,
Marilia bella,
Do esforço seu!
Rompêra os mares
C'o peito terno,
Fôra ao Inferno,
Subíra ao Ceo.

Aos dois amantes
De Thracia, e Abydo
Não deo Cupido
Do que aos mais todos
Maior valor.
Por seus vassallos
Forças reparte,
Como lhes parte
Os gráos de Amor.

## LYRA XIV.

MInha bella Marilia, tudo passa;
A sorte deste mundo he mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.
Estão os mesmos Deoses
Sujeitos ao poder do impio Fado:
Apollo já fugio do Ceo brilhante,
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem, que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte.
Qual fica no sepulchro,
Que seus a vós erguêrão, descançado:
Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos
Ferro do torto arado.

Ah! em quanto os Destinos impiedosos
Não voltão contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos.
Hum coração, que frouxo
A grata posse de seu bem defere,
A si, Marilia, a si proprio rouba,
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,
E façamos de feno hum brando leito,
Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possão deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Tambem, Marilia, morre.

Com os annos, Marilia, o gôsto falta,
E se entorpece o corpo já cançado;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.
A mesma formosura
He dote, que só goza a mocidade:
Rugão-se as faces, o cabello alvêja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marilia bella?
Que vão passando os florecentes dias?
Ás glórias, que vem tarde, já vem frias;
E póde em fim mudar-se a nossa estrella.
Ah! não, minha Marilia,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as fôrças,
E ao semblante a graça.

## LYRA XV.

A Minha bella Marilia
Tem de seu hum bom thesouro;
Não he, doce Alceo, formado
Do buscado
Metal louro.
He feito de huns alvos dentes,
He feito de huns olhos bellos,
De humas faces graciosas,
De crespos, finos cabellos;
E de outras graças maiores,
Que a natureza lhe dêo:
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes,
Dar ás correntes desvios,
Pôr cercados espaçosos
Nos caudosos
Turvos rios.
Posso emendar a ventura
Ganhando astuto a riqueza;
Mas, ah! charo Alceo, quem póde
Ganhar huma só belleza
Das bellezas, que Marilia
No seu thesouro metêo?
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Da sorte, que vive o rico
Entre o fausto alegremente,
Vive o guardador de gado
Apoucado,
Mas contente.
Beije pois torpe avarento
As arcas de barras chêas:
Eu não beijo os vís thesouros;
Beijo as douradas cadêas,
Beijo as settas, beijo as armas
Com que o cego Amor vencêo:
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo o fero Marte;
Ama, Alceo, o mesmo Jove:
Não he, não, a vã riqueza,
Sim belleza,
Quem os move.
Posto ao lado de Marilia
Mais que mortal me contemplo:
Deixo os bens, que aos homens cegão,
Sigo dos Deoses o exemplo:
Amo virtudes, e dotes;
Amo em fim, prezado Alceo,
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

## LYRA XVI.

EU, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
Pastora formosa,
Pastora engraçada.
Vejo a sua côr de rosa,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpûreos beiços,
Vejo o peito crystallino;
Nem ha cousa, que assemelhe
Ao crespo cabello louro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito
A' laranjeira copada,
Estando de flores,
E frutos ornada.
He, Glauceste, os teus Amores;
E nem por outra Pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,
O meu Glauceste cançára
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale hum immenso thesouro!

Sim, Eulina he huma Deosa;
Mas anîma a formosura
De huma alma de féra,
Ou inda mais dura.
Ah! quando Alceo pondéra
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E qual enfermo delira!
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra,
Tambem aos olhos he bello;
Mas quando alumêa,
Tu tremes de vêlo.
Que importa se mostre chêa
De mil bellezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura, que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago, e desdouro;
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto
A' natureza não deve!
Tem divino rosto,
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gôsto,
Ri-se Marilia contente:
Se canto, canta comigo;
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabello louro.
A minha Marilia vale,
Vale hum immenso thesouro.

## LYRA XVII.

Minha Marilia,
Tu enfadada?
Que mão ousada
Perturbar póde
A paz sagrada
Do peito teu?
Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante,
Tambem troveja
O claro Ceo.

Eu sei, Marilia,
Que outra Pastora
A toda a hora,
Em toda a parte
Cega namora
Ao teu Pastor.
Ha sempre fumo
Aonde ha fogo;
Assim, Marilia,
Ha zelos, logo
Que existe amor.

Olha, Marilia,
Na fonte pura
A tua alvura,
A tua bocca,
E a compostura
Das mais feições.
Quem tem teu rosto
Ah! não receia
Que terno amante
Solte a cadeia,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabello,
Sem pelles finas
No seu jubão.
Porém que importa?
O rico aceio
Não dá, Marilia,
Ao rosto feio
A perfeição.

## LYRA XVIII.

Não vês a quelle velho respeitavel,
Que á moleta encostado
Apenas mal se move, e mal se arrasta?
Oh quanto estrago não lhe fez o tempo!
O tempo arrebatado,
Que o mesmo bronze gasta.

Enrugarão-se as faces, e perdêrão
Seus olhos a viveza;
Voltou-se o seu cabello em branca neve:
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;
Nem tem huma belleza
Das bellezas, que teve.

Assim tambem serei, minha Marilia,
Daqui a poucos annos;
Que o impio tempo para todos corre.
Os dentes cahirão, e os meus cabellos,
Ah! sentirei os damnos,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice
Muito menos penosa.
Não trarei a moleta carregada:
Descansarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

As frias tardes, em que negra nuvem
Os chuveiros não lance,
Irei comtigo ao prado florescente:
Aqui me buscarás hum sitio ameno,
Onde os membros descance,
E ao brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo
Os olhos por aquella
Vistosa parte, que ficar fronteira;
Apontando direi: *Alli fallámos*,
*Alli, ó minha bella*,
*Te vi a vez primeira.*

Verteráõ os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria:
Faráõ teus olhos ternos outro tanto:
Então darei, Marilia, frios beijos
Na mão formosa, e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente
Meu corpo supportando
Do tempo deshumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Mariiia
Quem sentida chorando
Meus baços, olhos cerra.

---

## LYRA XIX.

EM quanto pasta o manso gado,
Minha bella Marilia, nos sentemos
A' sombra deste cedro levantado.
Hum pouco meditemos
Na regular bellcza,
Que em tudo, quanto vive, nos descobre
A sabia Natureza.

Attende, como aquella vacca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, em quanto chupa a lisa teta.
Attende mais, ó chara,
Como a ruiva cadella
Supporta que lhe morda o filho o corpo,
E salta em cima della.

Repara, como cheia de ternura
Entre as azas ao filho essa ave aquenta,
Como aquella esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo o vulto,
Que junto delles pisa.

Que gôsto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando,
E reflectir então no seu semblante!
Quando, Marilia, quando
Disser comsigo: *He esta*
*De teu querido pai a mesma barba,*
*A mesma bocca, e testa.*

Que gôsto não terá a mãi, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
Nas faces graciosas, e na bocca
Do innocente filhinho!
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la!

Que prazer não terão os pais ao verem
Com as mãis hum dos filhos abraçados;
Jogar outros a luta, outros correrem
Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura!
Que até naquillo, que de pezo serve,
Inspira Amor doçura.

## LYRA XX.

EM huma frondosa
Roseira se abria
Hum negro botão.
Marilia adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

Nas folhas viçosas
A a belha enraivada
O corpo escondêo.
Tocou-lhe Marilia,
Na mão descuidada
A fera mordêo.

Apenas lhe morde,
Marilia gritando,
C'o dedo fugio.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deosa mostrou;
Risonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe fallou.

*Se tu por tão pouco*
*O pranto desatas,*
*Ah! dá-me attenção;*
*E como daquelle,*
*Que feres, e matas,*
*Não tens compaixão?*

## LYRA XXI.

Não sei, Marilia, que tenho,
Depois que vi o teu rôsto;
Pois quanto não he Marilia,
Já não posso ver com gôsto.
N'outra idade me alegrava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro:
Hoje, ó bella, me aborrece
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor.
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor.

Sáio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sitio aonde moras,
Suspendo de fronte o passo.
Fito os olhos na janella,
Aonde, Marilia bella,
Tu chegas ao fim do dia;
Se alguem passa, e te saúda,
Bem que seja cortezia,
Se accende na face a côr.
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor.

Se estou, Marilia, comtigo,
Não tenho hum leve cuidado;
Nem me lembra, se são horas
De levar á fonte o gado.
Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge hum dia o meu desgôsto:
Já mais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que effeitos são os que sinto?
Serão effeitos de Amor.

Ando já com o juizo,
Marilia, tão perturbado
Que no mesmo aberto sulco
Mêto de novo o arado.
Aqui no centeio pégo,
N'outra parte em vão o cégo:
Se alguem comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
N'outra cousa tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que effeitos sãe os que sinto?
Serão effeitos de Amor.

Se geme o bufo agoureiro,
Só Marilia me desvella:
Enche-se o peito de magoa,
E não sei a causa della.
Mal durmo, Marilia, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços:
Gella-se o sangue nas veias,
E sólto do somno os laços
A' força da immensa dôr.
Ah! que os effeitos, que sinto,
Só são effeitos de Amor.

## LYRA XXII.

MUito embora, Marilia, muito embora
Outra belleza, que não seja a tua,
Com a vermelha roda, a seis puxada,
Faça tremer a rua.

As paredes da salla, aonde habita,
Adorne a seda, e o tremó dourado;
Pendão largas cortinas, penda o lustre
Do tecto a painelado.

Tu não habitarás palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás hum Vate, que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da pallida morte a mão tyranna
Arrasa os edificios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecêrão,
De quem nem se quer temos a memoria!
Só podem conservar hum nome eterno
Os versos, ou a historia.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarcha,
Por mais que qualquer dellas fosse linda,
Já não sabia o mundo, se existirão
Nem Laura, nem Clorinda.

He melhor, minha bella, ser lembrada
Por quantos hão de vir sabios humanos,
Que ter urcos, ter coches, e thesouros,
Que morrem com os annos.

---

## LYRA XXIII.

N'Um sitio ameno
Cheio de rosas,
De brancos lyrios,
Murtas viçosas;

Dos seus amores
Na companhia
Dirceo passava
Alegre o dia.

Em tom de graça
Ao terno amante
Manda Marilia
Que toque, e cante.

Péga na lyra
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina,
E a voz iguala
A' voz divina.

Ella, que teve
De rir-se a idêa,
Nem move os olhos
De assombro chêa

Então Cupido
Apparecendo,
A' bella falla
Assim dizendo:

*Do teu amado*
*A lyra fias,*
*Só porque delle*
*Zombando rias?*

*Quando n'um peito*
*Assento faço,*
*Do peito subo*
*A' lingoa, e braço.*

*Nem creias que outro*
*Estilo tome,*
*Sendo eu o mestre,*
*A acção teu nome.*

## LYRA XXIV.

ENcheo, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie
As terras, mais os ares
O grande espaço dos salobres rios,
Dos negros, fundos mares.
Para sua defeza,
A todos deo as armas, que convinha
A' sabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros;
Dêo ao peixe escamoso as barbatanas;
Dêo veneno á serpente,
Ao membrudo elefante a enorme tromba,
E ao javali o dente.
Coube ao leão a garra:
Com leve pé saltando o cervo foge;
E o bravo touro marra.

Ao homem dêo as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas:
Dêo-lhe dedos ligeiros,
Que pódem converter em seu serviço
Os ferros, e os madeiros;
Que tecem fortes laços,
E forjão raios, com que aos brutos cortão
Os vôos, mais os passos

A's timidas donzellas pertencêrão
Outras armas, que tem dobrada força:
Dêo-lhes a Natureza
Além do entendimento, além dos braços
As armas da belleza.
Só ella ao Ceo se atreve;
Só ella mudar póde o gêlo em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura,
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto,
Quem pôz em campo armada
Toda a força da Grecia.
E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,
Só foi, só foi Lucrecia.

Se pódem lindos rostos, mal suspirão,
O braço desarmar do mesmo Achilles;
Se estes rostos irados
Pódem soprar o fogo da discordia
Em povos alliados;
Hes árbitra da terra;
Tu pódes dar, Marilia, a todo o mundo
A paz, e a dura guerra.

## LYRA XXV.

O Cego Cupido hum dia
Com os seus Genios fallava
Do modo, que lhe restava
De captivar a Dirceo.
Depois de larga disputa,
Hum dos Genios mais sagazes
Este conselho lhe dêo:

As settas mais aguçadas,
Como se em rócha batessem,
Dão nos seus peitos, e descem.
Todas quebradas ao chão.
Só as graças de Marilia
Pódem vencer hum tão duro,
Tão isento coração.

A fortuna desta empreza
Consiste em armar-se o laço,
Sem que sinta ser o braço,
Que lho prepara, de Amor:
Que elle vive como as aves,
Que já deixarão as pennas
No visco do caçador.

Na força deste conselho
O raivoso Deos socega,
E á tropa a honra entrega
De o fazer executar.
Todos pertendem ganhalla,
Batem as azas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultarão
Da Deosa nos olhos bellos:
Qual se enlaçou nos cabellos,
Qual ás faces se prendêo.
Hum amorinho cansado
Cahio dos labios ao seio,
E nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto
Este novo ardil alcança,
Muda-se n'uma criança
De divino parecer.
Esconde as azas, e a venda;
Esconde as settas, e quanto
Póde dállo a conhecer.

Ella que vê hum menino
Todo de graças cuberto,
Tão risonho, e tão esperto
Alli sósinho brincar.
A elle endireita os passos;
Finge Amor ter medo, e a Deosa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando;
Elle fugia, e chorava:
Assim forão onde estava
O descuidado Pastor.
Este, mal vio a belleza,
E o gentil menino, entende
A malicia do traidor.

Póe as mãos sobre os ouvidos,
Cerra os olhos, e constante
Não quer ver o seu semblante,
Não o quer ouvir fallar.
Qual Ulysses n'outra idade
Para illudir as Serêas
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou.
Traçou a lingua nos dentes;
Metêo as unhas no rosto,
E os cabellos arrancou.

Genio, que se escondia
Entre os peitos da Pastora,
Erguêo a cabeça fóra,
E o successo conhecêo.
Deixa o socego, em quem estava,
E vai ligeiro meter-se
No peito do bom Dirceo.

Apenas c'o brando peito
Lhe tocou a neve fria,
Com o calor, que trazia,
Lhe abrazou o coração.
Dá o Pastor hum suspiro;
Abre os seus olhos, e sólta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios
Ao triste Pastor disposto
Para ver o lindo rosto,
Para as palavras ouvir.
Cada hum as armas toma,
Cada hum com ellas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa
Lhe fórma hum Cupido laços,
Que lhe segurão os braços,
Como se fossem grilhões.
O Pastor já não resiste;
Antes beija satisfeito
As suas doces prizões.

## LYRA XXVI.

O Destro Cupido hum dia
Extrahio mimosas cores
De frescos lyrios, e rosas,
De jasmins, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
Usa de huma, e de outra tinta,
E nos angulos do cobre
A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos
No seu liso centro escreve
Hum letreiro, que pergunta:
*Este espaço a quem se deve?*

Venus, que vio a pintura,
E lêo a letra engenhosa,
Pôz por baixo: *Eu delle cedo*;
*Dê-se a Marilia formosa.*

## LYRA XXVII.

Alexandre, Marilia, qual o rio,
Que engrossando no Inverno tudo arraza,
Na frente das cohortes
Cérca, vence, abraza
As Cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro,
Morreo na flor dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom Soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata,
Foi, Marilia, sómente
Hum ditoso pirata,
Hum salteador valente.
Se não tem huma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
A' sua mesma Patria a fé quebranta;
Na mão a espada tóma,
Opprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.
Consegue ser heróe por hum delicto;
Se acaso não vencesse, então seria
Hum vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovôa a terra
Tambem o máo tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo:
E tanto póde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe, Marilia bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada.
Ganhei, ganhei hum throno,
Ah! não manchei a espada,
Não a roubei ao dono.
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Huns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentão remorsos, e cuidados;
Nem descanção seguros
Nos palacios cercados
De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sabia historia,
A quem mudou o fado em negro opprobrio
A mal ganhada gloria!

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
Nos braços do descanço, e mais do gôsto:
Quando estou acordado
Contemplo no teu rosto
De graças adornado:
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
A mais o meu desejo.

## LYRA XXVIII.

CUpido tirando
Dos hombros a aljava
N'um campo de flores
Contente brincava.

E o corpo tenrinho
Depois enfadado
Incauto reclina
Na relva do prado.

Marilia formosa,
Que ao Deos conhecia,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente,
As armas lhe furta,
E o Deos a não sente.

Os Faunos, mal virão
As armas roubadas,
Sahirão das grutas
Soltando rizadas.

Acorda Cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultão
Responde, dizendo:

*Temieis as settas*
*Nas minhas mãos cruas?*
*Vereis o que podem*
*Agora nas suas.*

## LYRA XXIX.

O Tyranno Amor risonho
Me apparece, e me convida
Para que seu jugo acceite;
E quer que eu passe em deleite
O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte*
(Astuto o moço dizia)
*Já perto da morte estava,*
*Inda de amores cantava;*
*Por isso alegre vivia.*

*Aos negros, duros pezares*
*Não resiste hum peito fraco,*
*Se Amor o não fortalece:*
*O mesmo Jove carece*
*De Cupido, e mais de Baccho*

Eu lhe respondo: *Perjuro*
*Nada creio do que dizes;*
*Porque já te fui sujeito,*
*Inda conservo no peito*
*Estas frescas cicatrizes.*

Amor, vendo que da offerta
Algum apreço não faço,
Me diz affoito que trate
De ir com elle a combate
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;
Cinjo primeiro que tudo
O brilhante arnêz, e á pressa
Ponho hum elmo na cabeça,
Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no Campo me apresento,
Marilia (oh Ceos!) me apparece:
Logo os olhos me fita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfallece.

Então me diz o tyrano:
*Confessa louco o teu êrro;*
*Contra as armas da belleza*
*Não vale a externa defeza.*
*Dessa armadura de ferro.*

---

## LYRA XXX.

JUnto a huma clara fonte
A mãi de Amor se sentou:
Encostou na mão o rosto,
No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,
Contente ao lugar corrêo;
Cuidando que era Marilia
Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada:
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede o perdão:

*Foi facil, ó Mãe formosa,*
*Foi facil o engano meu;*
*Que o semblante de Marilia*
*He todo o semblante teu.*

## LYRA XXXI.

MInha Marilia,
Se tens belleza,
Da natureza
He hum favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
He só por graça
Do Deos de amor,
Que terno inflamma
A mente, o peito
Do teu Pastor.

Em vão se virão
Perlas mimosas,
Jasmins, e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o Ceo te dêo;
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceo.

O voraz tempo
Ligeiro corre:
Com elle morre
A perfeição.
Essa, que o Egypto
Sábia modera,
De Marco impera
No coração;
Mas já Octavio
Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó bella,
E o teu querido
Ao Deos Cupido
Louvores dar;
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo, e morte
Possão zombar:
Tu por formosa,
E elle, Marilia,
Por te cantar.

Mas ai! Marilia,
Que de hum amante,
Por mais que cante,
Gloria não vem!
Amor se pinta
Menino, e cego:
No doce emprêgo
Do charo bem
Não vê defeitos,
E augmenta, quantas
Bellezas tem.

Nenhum dos Vates,
Em teu conceito,
Nutrio no peito
Nescia paixão?
Todas aquellas,
Que vês cantadas,
Forão dotadas
De perfeição?
Forão queridas;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Ser cantada
Do teu Dirceo?
Tu tens, Marilia,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueo;
Irá teu nome
Aos fins da Terra,
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas
Do leve vento
Ao Firmamento
Teu nome for;
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a Esposa
De inveja a côr;
De todos ha-de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se Amor.

Ah! não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratidão:
Os versos beija,
Gentil Pastora,
A penna adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
Que te segura
A duração.

## LYRA XXXII.

N'Uma noite socegado
Velhos papeis revolvia,
E por ver de que tratavão
Hum por hum a todos lia

Erão cópias emendadas
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo semrazões tamanhas
Eu exclamo transportado:
*Que finezas tão mal feitas!*
*Que tempo tão mal passado!*

Junto pois n'hum grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deos cego
Com semblante carregado
Assim me falla, e crimina
O meu intento acertado.

*Queres queimar esses versos?*
*Dize, Pastor attrevido,*
*Essas Lyras não te forão*
*Inspiradas por Cupido?*

*Achas que de taes amores*
*Não deve existir memória?*
*Sepultando esses triunfos,*
*Não roubas a minha gloria?*

Disse Amor; e mal se calla,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com hum semblante sereno
Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me dares*
*A minha Marilia bella,*
*Devo guardar humas Lyras,*
*Que não são em honra della?*

*E que importa, Amor, que importa*
*Que a estes papeis destrua;*
*Se he tua esta mão, que os rasga,*
*Se a chamma, que os queima, he tua?*

Apenas Amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c'o vento,
Que formou batendo as azas.

## LYRA XXXIII.

PE'ga na lyra sonóra,
Péga meu charo Glauceste;
E ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rusticos Pastores
A formosura celeste
De Marilia, meus amores.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino;
E o teu canto sonoroso
Tambem do seu rosto he dino.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta Natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lyrio, e fez a neve.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

A pintar as negras trancas
Peço que mais te desvelles:
Pinta chusmas de amorinhos
P'los seus fios trepando;
Huns tecendo cordas delles,
Outros com elles brincando.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della,

Para pintares, Glauceste,
Os seus beiços graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada;
E para os olhos formosos,
A Estrella da madrugada.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa,
Pinta da vista, e do riso
A modestia, mais a graça.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas;
Os seus pés, quando passeão,
Pizando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Pinta mais, prezado amigo,
Hum terno amante beijando
Suas douradas cadeias;
E em doce pranto desfeito,
Ao monte, e valle ensinando
O nome, que tem no peito.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, Pastor, se veja
Que a minha bocca suspira,
Que se banha em pranto o rosto;
Que os outros chorão de inveja,
E chora Dirceo de gosto.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

FIM DA I.ª PARTE.

## LIVROS POETICOS

*Que se vendem na Loja da Gazeta.*

O Des Saphycas a S. A. R. por José Anselmo Corrente. - - - - - - 60

——— Por Bandeira. - - - - - - 80

——— Aos Restauradores de Portugal. - 80

——— Ao Conde d'Amarante. - - - 100

Poesias De Malhão em 8.º 4. v. - - 2$560

——— De Varios Authores, em 4.º 1. v. 960

——— De Nicoláo Tolentino, em 8.º 2. v. - - - - - - - - - - 1$280

——— De Caminha em 8.º 2. v. - - 1$280

——— Varias a Nação em B. 1. v. - - 200

17743

# MARILIA
## DE
# DIRCEO.

POR T. A. G.

---

SEGUNDA PARTE.

---

TERCEIRA EDIÇÃO.

BAHIA:

Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva.
Anno de 1813,
*Com as licenças necessarias.*

# MARILIA

DE

# DIRCEO.

## LYRA I.

Já não cínjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deos me inspira.
Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado, em que me vejo,
Pede, Marilha, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta suppra
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marilia, da candêa,
Que a molhada parede ou çuja, ou pinta;
Bemque tosca, e fêa,
Agora me póde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta :
Elle me diz , que faça no pé de huma
Má laranja ponta ,
E delle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não , não devo ;
Verás , Marilia , huma idéa nova :
Sim , eu já te escrevo ,
Do que esta alma dita
Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura ,
Nada obra em te adorar , que assombro faça :
Mostra mais ternura
Quem te estima , e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos ,
A testa formosa ,
Os dentes nevados ,
Os negros cabellos.

Vejo , Marilia , sim , e vejo ainda
A chusma dos Cupidos , que pendentes
Dessa boca linda ,
Nos ares espalhão
Suspiros ardentes.

Se alguem me perguntar onde eu te vejo,
Responderei: *No peito*, que huns Amores
De casto desejo
Aqui te pintarão,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah! nessa hora,
Teu Retrato fizerão, e tão forte,
Que entendo, que agora
Só póde apagallo
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó Céos, que pejo!
Descubro a ler-me os versos o Deos louro.
Ah! dá-lhes hum beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de ouro.

---

## LYRA II.

Esprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes,
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto
Não has-de ver, Marilia, o medo escrito:
O medo peturbado,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito, conheço, pódem muito,
As furias infernaes, que Pluto move;
Mas póde mais que todas
Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,
A quem seu nome derão, a Narciso;
Fez de muitos os Astros,
Qu' inda no Ceo diviso.

Elle póde livrar-me das injúrias
Do nescio, do atrevido ingrato povo;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céos por fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem;
Verás então, que os sabios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marilia, bem o sabes:
Hum coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

## LYRA III.

SUccede, Marilia bella,
A' medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria,
A' quente secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas Primaveras
Brotão em flores viçosos;
Nos Invernos escabrosos
Largão as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortão
Arma las redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto:
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos Deoses movêrão
Soberbos Gigantes guerra ;
No mais tempo o Ceo , e a Terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos Deoses ;
Só a minha sorte não ?

Ha de , Marilia , mudar-se
Do destino a inclemencia :
Tenho por mim a innocencia ,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo ;
Só a minha sorte não ?

O tempo , ó bella , que gasta
Os troncos , pedras , e o cobre ,
O véo rompe , com que encobre
A' verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo ;
Só a minha sorte não ?

Qual eu sou , verá o mundo ,
Mais me dará do que eu tinha ,
Tornarei a ver-te minha :
Que feliz consolação !
Não , ha de tudo mudar-se ,
Só a minha sorte não.

## LYRA IV.

JÁ, já me vai, Marilia, branquejando
Loiro cabello, que circúla a testa;
Este mesmo, que alveja, e vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
As forças dos meus membros já se gastão,
Vou a dar pela casa huns curtos passos,
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não poz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gôsto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão,
Na Primavera, que aos mortaes encanta,
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fez seu termo;
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Suppõ-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça, que me altera:
Eu tambem te sopponho qual saude,
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores;
Que effeitos não farão, em quem por elles
Sempre morrêo de amores?

## LYRA V.

OS mares, minha bella, não se movem;
O brando Norte assopra, nem diviso
Huma nuvem sequer na Esfera toda;
O destro Nauta aqui não he preciso;
Eu só conduzo a náo, eu só modéro.
Do seu governo a roda.

Mas ha! que o Sul carrega, o mar se empolla,
Rasga-se a vela, e mastaréo se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme;
Não tenho a necessaria força, e arte.
Corra o sabio Piloto, corra, e venha
Reger o duro leme.

Como succede á náo no mar, succede
Aos homens na ventura, e na desgraça:
Basta ao feliz não ter total demencia;
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem;
E est'alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah! não, não tardes, vem, Marilia amada,
Toma o leme da náo, marêa o panno,
Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes:
Elle me diz que soffra, se não morro;
E perco então, se morro, huns doces laços.
Não quero já, Marilia, mais soccorro;
Oh ditoso soffrer, que lucrar póde
A gloria dos teus braços!

## LYRA VI.

DE que te queixas,
Lingua importuna?
De que a Fortuna
Rorbar-te queria,
O que te deu?
Este foi sempre
O genio seu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catoens á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos,
Que vís nascêrão,
Nem merecêrão,
A grandes thronos
A impia ergueu.
Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens, e os damnos;
E a quem se devão
Nunca escolheu.
Este foi sempre
O genio seu.

A quanto he justo
Já mais se dobra;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
Do cáro Ceo.
Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus
N'hum carro ufano;
E cahe Vulcano
Da pura esfera,
Em que nasceu.
Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra, e virtude:
Que o mais he della,
Mas isto he meu.
Este foi sempre
O genio seu.

## LYRA VII.

MEu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que, bem que réo, abrigo
A candida Virtude no meu peito;
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão soccorro;
Ah! vem dar-m'o agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaso fogoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso.
Deixa que viva a perfida calúmnia,
E forje o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,
E toca hum pouco nella:
Levanta a voz celeste
Em parte, que te escute a minha bella;
Enche todo o contorno de alegria;
Não soffras, que o desgôsto
Affogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que hum bom Cantor havia,
Que os brutos amansava;
Que os troncos, e os penedos attrahia.
De outro destro Cantor tambem affirma
A sabia Antiguidade,
Que as muralhas erguêra
De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere;
O som delgado, e terno
Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa, que penetre o fundo Averno.
Ah, tu a nenhum cedes, meu Glauceste,
Na lyra, e mais no canto:
Pódes fazer prodigios;
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola hum peito afflicto;
Que he menos inda, que domar as féras.
Com isto me darás no meu tormento
Hum doce lenitivo;
Que em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.

---

## LYRA VIII.

EU vejo, ó minha bella, aquelle Numen,
A quem o nome derão de Fortuna;
Pega-me pelo braço,
E com voz importuna
Me diz que mova o passo;
Que entre no grande Templo, em que se encerra
Quanto o destino manda,
Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas nelle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
Vejo-a queimar Carthago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.
Lá florece o poder do Assyrio Povo:
Aqui os Médos crescem,
E os perde hum braço novo.

Então me diz a Deosa: *E que pertendes?*
*Todas estas Medalhas ves agora?*
*Ah! não, não sejas louco!*
*Espaço de annos fóra*
*Para isso ainda pouco:*
*Deixa estranhos successos, vem comigo;*
*Verás quanto inda deve*
*Acontecer comtigo.*

Levou-me aonde estava aminha historia,
Que toda me explicou com medo, e arte.
*Tirei-te libras de oiro,*
Me diz, *e quero dar-te*
*Todo aquelle thesoiro.*
*Não suspira por bens hum peito nobre;*
Sevéro lhe respondo,
*Vivo affeito a ser pobre.*

Aqui me enruga a Deosa irada a testa,
E fica sem fallar hum breve espaço.
*Alegra, alegra o rosto,*
Prosegue, *alli te faço*
*Restituir o posto.*
Respondo em ar de mófa, e tom sereno.
*Conheço-te, Fortuna,*
*Posso morrer pequeno.*

*Aqui te dou*, me diz, *a tua amada:*
Então me banho todo de alegria.
*Caidei*, me torna a cega,
*Que essa alma não queria*
*Nem esta mesma entrega.*
*He esse o bem*, respondo, *que me move?*
*Mas este bem he santo,*
*Vem só da mão de Jove.*

Queria mais fallar; eu insoffrido
Desta maneira rompo os seus accentos:
*Basta, Fortuna, basta;*
*Estes breves momentos*
*Lá n'outras cousas gasta;*
*Da minha sorte nada mais contemplo.*
E, chamando Marilia,
Suspiro, e deixo o Templo.

## LYRA IX.

A Etas horas
Eu procurava
Os meus Amores;
Tinhão-me inveja
Os mais Pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flor, nem fitta
Nos seus cabellos:

Ah! que assim mesmo
Sem compostura,
He mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Hum ar mais leve,
(Que doce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cêrco a penas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva
Agua mais clara,
Mais branda relva.

No collo apunha;
Então brincando
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo,
Que eu só com ella
He que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

Desta maneira
Nos castos peitos,
De dia, em dia
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah! quantas vezes
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sésta,
Della defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gôsto,
Mais se chegava;
Então vaidoso
Assim cantava:

*Não ha Pastora,*
*Que chegar possa*
*Á' minha bella;*
*Nem quem me iguale*
*Tambem na estrella:*

*Se Amor concede*
*Que eu me recline*
*No branco peito,*
*Eu não invejo*
*De Jove o leito:*

*Ornão seu peito*
*As sás virtude,*
*Que nos namorão;*
*No seu semblante*
*As Graças morão.*

Assim vivia:
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.

## LYRA X.

Arde o velho barril, arde a cabeça,
Em honra de João na larga rua;
O crédulo Mortal agora indaga,
Qual seja a sorte sua;

Eu não tenho alcaxofras, que á luz chegue,
E nella orvalhe o Ceo de madrugada,
Para ver se rebentão novas folhas,
Aonde foi quimada.

Tambem não tenho hum ovo, que despeje
Dentro de hum cópo d'agoa, e possa nelle
Fingir Palacios grandes, altas Torres,
E huma Náo á vélla.

Mas, ah! em bem me lembre: eu tenho ouvido
Que na bôca hum bochecho d'agoa tome
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse
O nome, que ha de ter a minha amada:
Póde verdade ser, se fôr mentira,
Tambem não custa nada,

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a bôca: ah! não sei como
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido: então soltando
Em ar de zombaria huma risada,
*E que tal*, me pergunta, *esteve a peça?*
*Não foi bem pregada?*

*Eu já te disse, que Marilia he tua:*
*Tu fazes do meu dito tanta conta,*
*Que vais acreditar, o que te ensina*
*Velha mulher já tonta.*

Humilde lhe responde: *Que debaixo*
*Do açoite da Fortuna afflicto geme,*
*Nas mesmas cousas, que só são brinquinhos,*
*Se agoirão males, teme.*

## LYRA XI.

SE acaso não estou no fundo Averno,
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante, e terno,
As afflicções tyrannas, que aos Precitos
Arbîtra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes
Com a mão descarnada não me applicão
As raivosas serpentes,
Mas cecão-me outros monstros mais irados,
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha,
Ou em mover a roda:
Mas tenho ainda mais cruel tormento:
Por cousas que me affligem, roda, e gyra,
Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
A's tépidas entranhas, não me come
Hum abutre esfaimado;
Mas finto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
Que de mim se retirão, quando busco
Fartar o meu desejo:
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marilia bella:
E n'huma cousa só he mais humana
A minha dura estrella:
Huns não podem mover do Inferno os passos;
Eu pertendo vôar, e vôar cedo
A' gloria dos teus braços.

## LYRA XII.

AH, Marilia, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma Aldêa,
Que tyrannos não proponhão
A' inda inquieta idéa
Huma imagem de afflição.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu diras: *Aqui trazia*
*Dirceo tambem o seu gado.*
Verás os sitios ditosos
Onde, Marilia, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires,
Sem quereres, descuidada,
Tu verias, Marilia, a minha,
E minha pobre morada.
Tu dirás, então comtigo:
*Alli Dirceo estava*
*Para me levar comsigo;*
*E alli soffreo a prisão.*
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
Do cáro Glauceste a choça,
Onde alegres se juntavão
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás, de mágoa chêa:
*Todo o congresso alli anda,*
*Só o meu amado não.*
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: *Não foi tyranna*
*Sómente comigo a sorte;*
*Tambem cortou deshumana*
*A mais fiel união.*
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido,
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados, rôxos olhos,
Estão, que he mais, retratadas
No fundo do coração.
Tambem mando aos surdos Deoses
Tristes suspiros em vão.

## LYRA XIII.

Vês, Marilia, hum cordeiro
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?
O Povo para o Templo já concorre:
A Pyra sacro-santa já se accende:
O Ministro o fere; elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço,
No chão as mãos espéca,
Nem quer mover hum passo?
Não conhece que sahe de hum máo terreno;
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto, como
Lhe dispomos a sorte;
Hum vai forçado á vida,
Vai outro alegre á morte:
Nós temos, minha bella, igual demencia;
Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os mãos matar quizerão:
De conselho mudárão,
Como escravo o vendêrão:
José não corre a ser hum servo afflito:
Vai subindo os degráos, por onde chega
A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino
Hoje, ó bella, me prende,
Só porque nisto de outros
Mais damnos me defende?
Póde ainda raiar hum claro dia.
Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;
E beijo a santa mão, que assim me guia.

---

## LYRA XIV.

ALma digna de mil Avôs Augustos!
Tu sentes, tu soluças,
Ao ver cahir os justos;
Honras as santas leis da Humanidade:
E aos teus exemplos deve
Gravar com letras de oiro no seu Templo
A candida Amizade.

Não he, não he Heróe huma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte.
Não he tambem de Heróe hum peito duro,
Que a sua gloria firma,
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo, e chora!
He grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravo seus tratar podera,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso,
Não he, porque levanta huma cidade;
He sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai, a quem detinha
A mão da branca idade.

Ah! se ao meu contrario entre as chammas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira:
Inda por elle muito mais obrára:
E se nada servisse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste;
Gemêra, e suspirára.

Oh! quanto são duraveis as cadêas
De huma amizade, quando
Se dão iguaes idéas!
Se a pezar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma igual á tua,
E a tua igual á minha.

Se, ó cáro Amigo, te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu fallo, és tu, Marilia bella.
Ah! sim, honrado Amigo,
Se enxugar não poderes os seus olhos,
Prantêa então com ella.

---

## LYRA XV.

EU, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro;
Fui honrado Pastor da tua Aldêa;
Vestia finas laãs, e tinha sempre
A minha chóça do preciso chêa.
Tirarão-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encóste, hum só cajado,

Para ter, que te dar, he que eu queria
De mór rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabellos
Ainda muito mais que hum grande Throno.
Agora que te offerte já não vejo
Além de hum puro amor, de hum são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuiso,
Eu alegre ficava, apenas via
Na tua breve bôca hum ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gôsto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoilas na floresta.
Julgou o justo Ceo, que não convinha,
Que a tanto grão subisse a gloria minha.

Ah! minha bella, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer hum homem novo;
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no Ceo a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de hum bom rebanho,
Para o cantagio lhe não dar, sobeja
Que as affague Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lãas, e pelles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal cortidas,
E os pannos feito com as lãas mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas, e com cêstos os peixinhos:
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, á fogueira;
Entre as falsas historias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira:
Pasmados te ouviráõ; eu entre tanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostraráo c'o dedo os mais Pastores,
Dizendo huns para os outros: *Olha os nossos*
*Exemplos da desgraça, e sãos amores.*
Contentes viviremos desta sorte,
Até que chegue a hum dos dous a morte.

---

## LYRA XVI.

VEjo, Marilia,
Que o nédeo gado
Anda disperso
No monte, e prado;
Que assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Daráõ suspiros,
E verdadeiros;
Porque perdêrão
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr

Eu mais alcanço,
Que a minha herdade,
Estando eu prezo,
Soffrer não ha de
Nem a charrua,
E nem a grade;
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sóbe
A' minha idêa,
Que tu ficaste
Lá nessa Aldêa
De mil cuidados
E mágoa cheia,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por hum traidor,
Eu já não soffro
A viva dôr.

Mas este excesso
Perdão merece,
E delle Jove
Se compadece:
Que Jove, ó bella,
Mui bem conhece,
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

## LYRA XVII.

Dirceo te deixa, ó bella,
De padecer cançado:
Frio suor já banha
Seu rosto descórado:
O sangue já não gyra pela vêa;
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se bacea:
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu espirito chega
Onde se pune o erro:
Late o cão, e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juizes se appresenta,
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa:
Enche-se de ternura, e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a bôca,
E a pedra não despede ;
Outro já não se lembra
Da fome , e mais da sede :
Descança o curvo bico , e a garra impia
Negro abutre esfaimado ;
Nem na róca medonha a Parca fia.
Até as mesmas Furias inclementes
Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já voltão os Juizes ;
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio , em que ficão
Almas dignas de pena.
Já sahe do escuro Reino , e da memoria
Lhe passa tudo quanto
Ou póde dar-lhe mágoa , ou dar-lhe gloria.
Só , bem que o gôsto as turbas agoas tome,
Inda , Marilia , inda diz teu nome.

Entra já nos Elysios ,
Campinas venturosas ,
Que mansos rios cortão ,
Que cobrem sempre as rosas.
Escuta o canto das sonoras aves ,
E bebe as agoas puras ,
Que o mel , e do que o leite mais suaves.
*Aqui* , diz elle , *espero a minha bella;*
*Aqui contente vivirei com ella.*

*Aqui* . . . porém aonde
Me leva a dôr activa ?
He illusão desta alma ;
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo , sim , gozar teus doces laços ;
E em paga dos meus males ,
Devo morrer , Marilia , nos teus braços.
Então eu passarei ao Reino amigo ,
E tu irás despois lá ter comigo.

---

## LYRA XVIII

NAõ mólho , Marilia ,
De pranto a masmorra ,
Que o terno Cupido
Não vôe , e não corra ,
Ah illo apanhar.
Estende-o nas azas ,
Sobre elle suspira ,
Por fim se retira ,
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
Aos tristes gemidos,
Aos ais lastimosos
Não guardes unidos,
Marilia, c'os teus:
As lagrimas nossas
No seio a montão,
Fórma azas, e voa,
Vai po-las nos Ceos.

A Deosa formosa,
Que amava aos Troianos,
Livrar-los querendo
De riscos, e damnos,
A Jove buscou.
As aguas, que o rosto
Da Deosa banhárão,
A Jove abrandárão,
E assim os salvou.

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove;
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

## LYRA XIX.

Nesta triste masmorra,
De hum semivivo corpo sepultura,
Inda, Marilia, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéa te retrata;
Busca extremoso, que eu assim resista
A' dor immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto, e escuto
A tua voz, e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos:
Eu beijo a tibia luz em vez de face;
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha;
A violencia da mágo não supporto;
Foge-me a vista, e caio,
Não sei se vivo, ou morto,
Enternece-se Amor de estrago tanto;
Reclina-me no peito, e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço imagem de hum defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem comsigo:
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo.

*Se queres ser piedoso,*
*Procura o sitio, em que Marilia môra,*
*Pinta-lhe o meu estrago,*
*E vê, Amor, se chôra.*
*Se a lagrimas verter a dôr a arrasta,*
*Huma dellas me traze sobre as pennas:*
*E para alîvio meu só isto basta.*

---

## LYRA XX.

SE me visses com teus olhos
Nesta masmorra metido,
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido:
Qual seria, ó minha bella,
Qual seria o teu pezar?

A' força da dôr cedêra
E nem estaria vivo,
Se o menino Deos vendado,
Extremoso, e compassivo
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabello ainda fluctúa
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: *E Marilia*
*Não estima esse cabello?*
*Se o deixas perder de todo,*
*Não se ha de enfadar ao vê-lo?*
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabello atar.

Vem hum taboleiro entrando
De varios manjares cheio;
Poe-se na meza a toalha,
E eu pensativo passeio:
De todo o comer esfria,
Sem nelle poder tocar.

*Eu entendo que matar-te*,
Diz amor, *te tens proposto;*
*Fazes bem: terá Marilia*
*Desgósto sobre desgósto.*
Qual enfermo c'o remedio,
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegão as horas, Marilia,
Em que o Sol já se tem posto;
Vem-me á memoria que nellas
Via á janella o teu rósto:
Declino ná mão a face,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: *Já basta*,
*Já basta*, *Dirceo*, *de pranto*;
*Em ols quio de Marilia*
*Vai erguer teu doce canto.*
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
A velha, çuja candêa;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste, e mais fêa.
Nem mais canto, nem mais posso
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido : *São horas*
*De escrever-se o que está feito ;*
Do azeite , e da fumaça
Huma nova tinta ageito ;
Tomo o páo , que penna finge ,
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve somno ,
Canta o Gallo a vez terceira ;
Eu digo ao Amor , que fico
Sem deitar-me a noi-te inteira ;
Faço mimos , e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz , que em dormir cuide ,
Que hei-de ver Marilia em sonho ;
Não respondo huma palavra ,
A dura cama componho ,
Apago a triste candêa ,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Resistir , ó minha Bella ,
Quem não tem de Amor a graça ?
Se eu , que vivo á sombra della ,
Inda vivo desta sorte ,
Sempre triste a suspirar ?

## LYRA XXI.

QUe diversas que são, Marilia, as horas,
Que passo na masmorra immunda e fêa,
Dessas horas felices, já passadas
Na tua patria Aldêa!

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E á sombra de alto Cédro na campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
A' sua chara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
De exceder hum ao outro qualquer trata;
O écco agora diz: *Marilia terna;*
E logo: *Eulina ingrata.*

Deixão os mesmos Sátyros as grutas:
Hum para nós ligeiro move os passos:
Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
C'o pés em mil pedaços.

*Dirceo*, clama hum Pastor *ah! bem merece*
*Da ternissima Marilia a formosura.*
*E aonde*, clama o outro, *quer Eulina*
*Achar maior ventura?*

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella, ó minha amada, só findava,
Depois de acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito;
Mal tos dava, e os lias, os guardavas
No casto, e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças,
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento,
Eu agora, Marilia, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

## LYRA XXII.

POr morto, Marilia,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prizão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Já *Torres* se assenta;
Carrega-me o rosto;
Do crime supposto
Com mil artificios
Indaga a razão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

Eu vejo, Marilia,
A mil innocentes,
Nas Cruzes pendentes
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te,
A gloria de dar-te
Abraços honestos,
E bejos na mão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Repara, Marilia,
O quanto he mais forte,
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado
De amor a paixão.
Marilia, já treme,
Ja treme de susto
O meu coração.

---

## LYRA XXIII.

NAõ praguejes, Marilia, não praguejes
A justiceira mão, que lança os ferros:
Não traz de balde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se derão, e em seu peito morão.
Manda prender ao Réo austera a bôca;
Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia,
Que culpa aquelle tem, que applica a penna?
Não he o Julgador, he o processo,
E a lei, quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano;
Aqui todos confessão suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes :
Huma o fogo chega , outra as serpes move :
Todos maldizem , sim , a sua estrella ,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe ,
Bem que a prisão me dá , que eu não mereço.
Qual eu sou , minha bella , não me trata ,
Trata-me , qual pareço.

Quem suspira , Marilia , quando pune
Ao vassallo , que julga delinquente ,
Que gôsto não terá , podendo dar-lhe
As honras de innocente ?

Tu vences , Barbacena , aos mesmos Titos
Nas sãs virtudes , que no peito abrigas :
Não honras tãosómente a quem premeias ,
Honras a quem castigas.

## LYRA XXIV.

EU vou, Marilia, vou brigar co' as feras?
Huma soltarão. eu lhe sinto os passos;
Aqui, aqui a espero
Nestes despidos braços.
He hum malhado tigre; a mim já corre,
Ao peito o apèrto, estalão-lhe as costelas,
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora hum Leão: sacode a grenha,
Com faminta paixão a mim se lança;
Venha embora; que o pulso
Ainda não se cança.
Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,
O corpo lhe fraquêa, os olhos inchão,
Açoita o chão convulso arqueja, e espira.

Mas que vejo, Marilia! Tu te assustas?
Entendes que os destinos inhumanos
Expõem a minha vida
No cêrco dos Romanos?
Com ursos, e com onças eu não luto.
Luto c'o bravo monstro, que me accusa,
Que os tigres, e leões mais féro, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada ;
Huma alma , qual eu tenho ,
Não se recêa a nada.
Eu hei de , sim , punir-lhe a insolencia ,
Pizar-lhe o negro cóllo , abrir-lhe o peito
C'as armas invenciveis da innocencia.

Ah ! quando imaginar , que vingativo
Mando que desça ao tartaro profundo ,
Hei de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo immundo.
Eu então lhe direi : *Infame , indino ,*
*Obras como costuma o vil humano ;*
*Faço , o que faz hum coração divino.*

## LYRA XXV.

MInha Marilia,
O passarinho,
A quem roubarão
Ovos, e ninho,
Mil vezes pousa
No seu raminho,
Piando finge
Que anda a chorar.
Mas logo vôa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se a caso a vacca
Perde a vitéla,
Tambem nos mostra
Que se desvéla;
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.
Em poucos dias,
Ao que parece,
Della se esquece,
E vai pastar.

O voráz Tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome,
Tambem, Marilia,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.
Ah! só não póde
Ao meu tormento
Por hum momento
Allivio dar.

Tambem, ó bella,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa;
Derrete ao bronze,
Sendo excessiva,
Ao mesmo feixo
Faz estalar.
Mas do amianto
A fêbra dura
Na chama atura
Sem se queimar.

Tambem, Marilia,
Não ha quem negue,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em linguas
A's nuvens chegue,
A' força d'agua
Se ha de apagar.
Se a negra pedra
Nós accendemos,
Com agua a vemos
Mais s'inflammar.

O meu discurso,
Marilia, he recto:
A pena iguala
Ao meu affecto.
O amor, que nutro,
Ao teu aspecto,
E o teu semblante
He singular.
Ah! nem o tempo,
Nem inda a morte
A dôr tão forte
Póde acabar.

## LYRA XXVI.

Aquelle, a quem fez cégo a natureza,
C'o bordão palpa, e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dous remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;
Sim me queixo de que má céga seja:
Céga, que nem pergunta, nem apalpa,
He porque errar deseja.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entregar as grossas chaves de hum thesouro;
E lança na miseria a quem conhece,
Para que serve o ouro?

Aquem fere, a quem rouba, a infame deixa,
Que atráz do vicio em liberdade corra;
Eu honro as leis do Imperio, ella me opprime
Nesta vil masmorra.

Mas ah! minha Marilia, que esta queixa
Co' a solida razão se não coaduna;
Como me queixo da Fortuna tanto,
Se sei não ha Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deosa,
Que os Sabios fingem, que huma roda move,
He só a occulta mão da Providencia,
A sabia mão de Jove.

Nós he, que somos cégos, que não vemos,
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins varedas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bella,
He muito mais honroso.

## LYRA XXVII.

A Minha amada
He mais formosa,
Que branco lyrio,
Dobrada rosa,
Que o cinnamomo,
Quando matiza
Co' a folha a flor.
Venus não chega
Ao meu Amor.

Vasta campina
De trigo chêa,
Quando na sésta
C'o vento ondéa,
No seu cabello,
Quando flutúa,
Não he igual.
Tem a côr negra:
Mas quanto val!

Os astros, que andão
Na esfera pura,
Quando scintillão,
Ña noite escura,
Não são, humanos,
Tão lindos, como
Seus olhos são.
Que ao Sol excedem
Ña luz, que dão.

A's brancas faces,
Ah! não se atreve
Jasmim de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O Sol brilhante
Com seu calor.
São neve, e causão
No peito ardor.

Na breve bôca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beiços
Rubins da India
Tem preço vil.
Nelles se agarrão
Amores mil.

Se não lhe desse,
Compadecido,
Tanto socorro
O Deos Cupido;
Se não vivêra
Huma esperança
No peito seu;
Já morto estava
O bom Dirceo.

Vê quanto póde
Teu bello rosto;
E de goza-lo
O vivo gôsto!
Que, sobmergido
Em hum tormento
Quasi infernal;
Porqu'inda espero,
Resisto ao mal.

## LYRA XXVIII.

DEtem-te, vil humano;
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno.
O çumo, que ellas dão, he pouco forte;
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta ahi venenos,
Que nunca visse o mundo;
Traze o negro licôr, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que pôz a natureza
Dentro no mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta;
Bem que huma onda, e outra onda
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes,
Buscando o centro, afferra,
Não teme ao furacão mais violento;
E menos, se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e róchа, ó bella,
Que açoita o Sul, que brama,
E o mar, que se encapella:
Não temas que do rosto a côr se mude:
Vence as róchas, e os troncos
A sólida Virtude.

A maior desventura
He sempre a que nos lança
No horror da sepultura:
O cobarde a morrer tambem caminha;
Com que males não póde
Huma alma como a minha?

## LYRA XXIX.

EU descubro procurar-me
Gentil mancebo ; e louro ;
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde louro.
Vejo ser o Pai das Musas ,
E me entrega a lyra d'ouro.

*Já basta ;* me diz , *ô filho ,*
*Já basta de sentimento ;*
*O cançado peito exige*
*Hum breve contentamento.*
*Louva a formosa Marilia*
*Ao som do meu instrumento.*

Firo as cordas ; mas que importa ?
A dôr não socega em tanto :
Ergo a voz ; então reparo
Que , quanto mais corre o pranto ,
He mais doce , e mais sonóro
Meu terno , e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão, que regía o braço;
E depois de estar suspenso,
De me ouvir hum largo espaço,
Assim diz: *o Deos Cupido*
*Faz inda mais, do qne eu faço.*

*Eu te dou a minha lyra;*
*Louva, louva a tua Bella;*
*Porém vê que t'a concedo*
*Com condição, e cautella. . . .*
Eu lhe córto a voz, dizendo,
Que só canto em honra della.

---

## LYRA XXX.

O Pai das Musas,
O Pastor louro
Deo-me, Marília,
Para cantar-te
A lyra de ouro.

As cordas firo;
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

*O teu cabello*
*Vale hum thesouro;*
*Hum só me adorna*
*A sábia frente*
*Melhor, que o louro.*

*Nesses teus olhos*
*Amor assiste;*
*Delles faz guerra;*
*Ninguem lhe foge,*
*Ninguem resiste.*

*Algumas vezes*
*Eu o diviso*
*Tão bem occulto*
*Nas lindas covas,*
*Que faz teu riso.*

*Nesses teus peitos*
*Tem os seus ninhos*
*Destros Amores,*
*Nelles se gerão*
*Os Cupidinhos.*

*Vences a Venus,*
*Quando com arte*
*As armas toma;*
*Porque mais prenda*
*Ao fero Marte.*

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marilia,
O som escuto
Das vis cadèas.

Dou hum suspiro,
Corre o meu pranto;
E, inda bebendo
Lagrimas tristes,
De novo canto.

*Sou da constancia*
*Hum vivo exemplo:*
*E vós, ó ferros,*
*Honrareis inda*
*De Amor o Templo.*

## LYRA XXXI.

ROubou-me, ó minha Amada, a sorte impîa.
Quanto de meu gozava
N'um só funesto dia.

Honras de maioral, manada grossa,
Fertil, extensa herdade,
Bem reparada chóça.

Metteo-me nesta infame sepultura,
Que he sepulchro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo,
Venha outro desgraçado
Sentir tambem comigo:

Mas se esta companhia não mereço,
Os Deoses me dão outra,
Inda de mais apreço.

Não he, não, illusão o que te digo;
Tu mesma me acompanhas;
Peno, mas he comtigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subira ao Potro,
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
A's vezes mal formadas:

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas;
Huma por huma beijo,
E chóro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor na ausencia
Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração apérto,
De novo a mólha o pranto,
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado
A tudo, quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro que do roubo nem me queixe,
Com tanto, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão,
Os que te amão, somente
Porque menos te ouvirão?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga;
Que eu tenho aquella gloria,
Que a mil felices nega.

## LYRA XXXII.

SE o vasto mar se encapella,
E na rócha em flor rebenta,
Grossa não, que não tem léme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga, e corre
A' discrição da tormenta.

Quem não tem huma belleza,
Em que ponha o seu cuidado;
Se o Ceo se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças, que resistão
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encósto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge pezar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada;
A face de hum pai rugosa,
N'um mar de pranto banhada;
Os amigos mascilentos;
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado;
Vejo n'uma grande praça
Hum theatro levantado.
Vejo as cruzes; vejo os potros;
Vejo alfanje affiado.

Hum frio suor me cobre,
Lassão-se os membros, suspiro;
Busco allivio ás minhas ancias
Não o descubro, deliro.
Já, meu bem, já me parece,
Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bôca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite affugenta;
Qual o Sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aquenta;
Ou qual Iris, que o Ceo limpa,
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, destérro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio,
A razão, e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva côr ao rosto,
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto:
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra meus males teu rosto.

## LYRA XXXIII.

MOrri, ó minha Bella;
Não foi a Parca impía,
Que na tremenda róca,
Sem ter descanço, fia:
Não foi, digo, não foi a morte fêa,
Quem o ferro moveu, e abrio no peito
A palpitante vêa.

Eu, Marilia, respiro;
Mas o mal, que supporto,
He tão tyranno, e forte,
Que já me dou por morto:
A insolente calumnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
A' venenosa espada.

Inda, ó bella, não vejo
Cadafalço enlutado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado;
Mas vivo neste mundo, ó sorte impía,
E delle só me mostra a estreita frésta
O quando he noite, ou dia.

Olhos baços, sumidos,
Macilento, descarnado,
Barba crescida, e hirsuta,
Cabello desgrenhado:
Ah, que imagem tão digna de piedade!
Mas he, minha Marilia, como vive
Hum Réo de Magestade.

Venha o processo, venha;
Na innocencia me fundo:
Mas não morrerão outros,
Que davão honra ao mundo!
O tormento, minha alma, não recuzes,
A quem sabio cumprio as leis sagradas,
Servem de solio as cruzes.

Tu, Marilia, se ouvires,
Que ante o teu rosto afflicto
O meu nome se ultraja
C'o supposto delicto,
Dize severa assim em meu abono:
*Não toma as armas contra hum sceptro justo*
*Alma digna de hum throno.*

## LYRA XXXIV.

VOu-me, ó Bella, deitar na dura cama,
De que nem se quer sou o pobre dono:
Estende sobre mim morfêo as azas,
E vem ligeiro o sono.

Os sonhos, que rodeão a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéa;
Não pintão cadafalços, não, não pintão
Nem huma imagem fêa.

Pintão que estou bordando hum teu vestido;
Que hum menino com azas, cégo, e louro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de ouro.

Pintão que entrando vou na grande Igreja;
Pintão que as mãos nos damos, e aqui vejo
Subir-te á branca face a côr mimosa,
A viva côr do pejo.

Pintão que nos conduz dourada sege
A' nossa habitação; que mil amores
Desfolhão sobre o leito as molles folhas
Das mais cheirosas flores.

Pintão que dessa terra nos partimos;
Que os amigos saudosos, e suspensos
Apertão nos inchados, roxos olhos
Os já molhados lenços.

Pintão que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flor da minha idade:
Q' descubro as palmeiras, e em dous bairros
Partida a gram-Cidade.

Aqui, *alerta*, grita o máo soldado;
E o outro, *alerta estou*, lhe diz, gritando:
Acórdo com a bulha: então conheço,
Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores
A ver-me delinquente, réo de morte,
Não sonhara, Marilia, só comtigo,
Sonhára de outra sorte.

## LYRA XXXV.

SE lá te chegarem
Aos ternos ouvidos
Huns tristes gemidos,
Repara, Marilia,
Verás, que são meus.
Ah! da-lhes abrigo,
Marilia, nos peitos;
Aqui os conserva
Em laços estreitos,
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,
De ouvillos movido,
Os pede a Cupido,
Que a todos apanha,
E lá tos vai pôr
Ah! não os desprezes;
Porque se conspira
O Ceo em meu damno,
E a gloaia me tira
De honrado Pastor.

Tem estes suspiros
Motivo dobrado:
Perdi o meu gado;
Perdi, que mais vale,
O bem de te ver.
  Se os não receberes
Amante por ora,
Por serem de hum triste,
Os deves, Pastora,
Por honra acolher.

Virá, minha bella,
Virá huma idade,
Que vista a verdade,
Gostosa me entregues
O teu coração.
  Os crimes deshonrão,
Se são existentes;
Os ferros, que opprimem
As mãos innocentes,
Infames não são.

Chegando este dia,
Os braços daremos:
Então mandaremos
De gôsto, e ternura
Suspiros aos Ceos.
  Por-me-hão no sepulchro
A honrosa inscripção:
*Se teve delicto,*
*Só foi a paixão,*
*Que a todos faz réos.*

## LYRA XXXVI.

NAõ has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso, que soffreo os ferros?
Infames impostores mos lançarão,
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi huma vez, não foi só huma,
Que em defeza dos bens, que são do Estado,
Moveo a sábia pluma.

He certo, minha amada, sim he certo
Que eu aspirava a ser de hum Reino o dono,
Mas este grande imperio, que eu firmava,
Tinha em teu peito o throno.

A's forças, que se oppunhão, não batião
De grossa peça, de mosquete os tiros;
Só erão minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, desvélos, e finezas
Formava, ó minha bella os meus guerreiros;
Não tinha no meu campo estranhas tropas;
Que amor não quer parceiros.

Mas póde ainda vir hum claro dia,
Em que estas vis algemas, estes laços
Se mudem em prizões de allívio cheas
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: *Eu sou Monarcha;*
*Dou leis, que he mais, n'um coração divino;*
*Solio, que ergueo o gosto, e não a força,*
*He que he de apreço dino.*

## LYRA XXXVII.

MEu sonoro Passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Hum doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,
Se me queres ser propicio;
Eu te dou em que me faças
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Porto da Estrella,
Sóbe á serra, e se cançares,
Descança n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada;
Na Igreja nova, a' que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Villa Rica.

Entra nesta grande terra,
Passa huma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem hum palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Huma rasgada janela,
He da sala, aonde assiste
A minha Marilia bella.

Para bem a conheres,
Eu te dou os sinaes todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições, e modos.

O seu semblante he redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros, e finos cabellos,
Carnes de neve formadas.

A bôca risonha, e breve,
Suas faces côr de rosa,
N'uma palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.

FIM.

24808

# MARILIA
## DE
# DIRCEO.

POR T. A. G.

---

TERCEIRA PARTE.

---

SEGUNDA EDIÇÃO.

BAHIA:

Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva.
Anno de 1813.
*Com as licenças necessarias.*

# PROLOGO.

SEM nos constituir-mos ingratos, não nos podiamos subtrahir á publicação desta Terceira Parte de MARILIA de DIRCEO. A acceitação com que o respeitavel Público recebeo a Primeira, e Segunda Parte, exigia huma impreterivel correspondencia; por cujo motivo não nos quizemos poupar ao excessivo trabalho de recolher com a mais exacta legalidade os Versos, de que se compoem este Folheto, obtidos das mãos de alguns Curiosos, que por saberem avaliar o merecimento do seu Autor, com todo o cuidado os conservavão.

Poucos Poetas até o presente tem cantado tão bem amor, e ternura, como o nosso: elle nos descreve a natureza em toda a sua energía; e com as mais sensiveis, e modestas córes nos pinta os effeitos de huma viva paixão. Aonde se encontrarão tantas bellezas, tanto mimo Poetico como na presente Collecção? Nós vemos dispersas por esta Obra a brandura dos *Matos*, a pureza dos *Quitas*, a sublimidade dos *Garções*; em fim a suavidade, e as mais graças, que em par-

ticular se admirão em cada hum dos mais celebrados Poetas, encontrámos, bem como em compendio, nos versos do nosso Poeta.

A prompta extracção de quasi dous mil exemplares da Primeira, e Segunda Parte destas Lyras, em menos de seis mezes, he hum irrefragavel argumento, do que acabamos de dizer; apenas appareceo a Primeira Parte, de tal sorte foi recebida, dos que amão os encantos da Poesia, que nos vimos precisados a reimprimilla, para satisfazermos a quem no-la buscava; motivos estes, que cooperárão para a públicação desta Terceira Parte, que não só pelo seu merecimento, como por completar a Collecção, esperamos corra a mesma fortuna das outras; ficando por este modo satisfeitos os senhores Curiosos, que este he só o interesse, que desejamos alcançar das despezas, e longos trabalhos, que tivemos em proporcionar-lhes a satisfação do seu gosto.

# MARILIA

DE

# DIRCEO.

## LYRA I.

COMO alegre vem nascendo
A serena madrugada !
Já d'aurora a luz dourada
Duvidosa vem raiando.
E tu descançando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha vóz saudosa.

O suave rouxinol
Já desampara o seu ninho;
E no torcido raminho
Namorado está cantando.
E tu descançando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha vóz saudosa.

O solicito pastor
Lá sáhe do pobre agasalho;
E pelo rude trabalho
O descanço vai deixando.
E tu descançando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha vóz saudosa.

Ainda a luz matutina
Co' a noite s'equivocava;
Já eu, oh Marilia, estava
Pelo teu nome chamando.
E tu descançando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha vóz saudosa.

Não penses que desgostoso,
Queixas fórmo contr' Amor;
Mil canções em teu louvor
Brandamente estou cantando.
E tu descançando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha vóz saudosa.

Canto ao som da minha Lyra
Tua rara perfeição,
Com que Amor doura o grilhão,
Que alegre vou arrastando.
E tu descançando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha vóz saudosa.

Mas que sobresalto! eu vejo
No prado andar huma Estrella!
Ah! não, he Marilia bella,
Que para mim vem chegando.
Delicias deixando,
Marilia formosa,
Vem meiga escutar
Minha vôz saudosa.

## LYRA II.

N'Uma escura gruta,
Fúnebre, e sombría,
Onde entrar não póde
Esplendor do dia.

O Mago Sileno
Sózinho habitava;
E nella d'amor
Mysterios sondava.

O terno Dirceo
A este sitio corre:
Dirceo, que d'amores
Por Marilia morre.

Eis que ao sitio chega
Que horrores exalla;
Desta sorte ao Mago,
Tremendo lhe falla:

*Oh tu, grão Sileno,*
*Que á força d' encanto*
*Tornas em prazer*
*D' amantes o pranto:*

*Dize-me, se tanto*
*Poder em ti ha:*
*A minha Marilia*
*Constante será?*

*Basta:* diz o Mago;
E sem se deter,
Em hum livro pega,
E se pôz a lêr.

Ossos serpentinos,
Seccos e mirrados,
A arder logo põem
Feitos em bocados.

Eis que o fogo accende,
Esparge no fumo
D'hervas venenosas
Pestifero çumo.

Trez vezes invóca
D'Erycina o nome;
Em quanto a materia
O fogo consóme.

Apenas s'extingue,
Estrondo s'escuta;
O' até de temor
Estremece a gruta.

Em nuvem dourada
Amor apparece ;
Que com mão mimosa
Huma coroa tece.

*Escuta , Dirceo ,*
*Amante feliz ;*
C'uma vóz divina
Amor então diz :

*Mais firme , que a rôcha*
*Dos ventos soprada ;*
*Marilia será*
*Por Dirceo amada.*

RIL 1

## LYRA III.

LEo-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeos, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;
E a pena que então senti,
Justos Ceos! não sei dizer.
Auzente de ti, Marilia
Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma; e por negaça
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'eide ver.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios Lares,
Não me fére o sentimento;
Porém suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Não são as honras que perco,
Quem motiva a minha dôr;
Mas sim ver, que o meu amor
Este fim havia ter.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com q' amor nos quiz prender.
Auzente d' ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.
Auzente de ti, Marilia,
Hei-de amar-te até morrer.

## LYRA IV.

QUE vezes julga, que morre
Hum naufragante no mar;
E então a sorte o soccorre,
Levando-o a salvação!
Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenetivo
Na minha dura afflição.

Lutando com a pobreza,
Vive o mortal indigente;
Té que a próvida riqueza
O tira da precisão.
Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenetivo
Na minha dura afflição.

Combatendo o inimigo
Encontra o Soldado a sorte,
Q'o livra de todo o p'rigo
Na mais arriscada acção.
Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflição.

Ao sôm do pezado ferro
Chora o triste degradado;
Té que o livra do desterro
Huma poderosa mão.
Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenetivo
Na minha dura afflição.

No carcere, ou no degredo,
Na doença, ou na pobreza,
Ou lá mais tarde, ou mais cedo
Todos tem consolação.
Tambem eu nesta prizão,
Aonde morrendo vivo,
He Marilia o lenetivo
Na minha dura afflição.

## LYRA V.

FUlgidas Estrellas
Logo s' amortecem,
Tanto que apparecem
De Titan os raios.

Tambem se Marilia
Mostra a face pura;
Toda a formosura
Padece desmaios.
Seu lindo rosto,
Encantador
He doce paga
Do meu amor.

## LYRA VI.

VAidosa a Fortuna
Da sua riqueza,
D' amor escarnece
A triste pobreza.
Risonha o conduz
A seu Templo, aonde
Immensas riquezas
Dos mortaes esconde.

As portas do Templo
De fino ouro são;
E em rijos brilhantes
Cravadas estão.
Apenas que as vê
A Deusa potente,
Qual o relampago,
Se abrem de repente.

Da parte de dentro
Se vê tão sómente
Safiras, rubins,
E o metal fulgente.

D'um lado em cofres
Que só d'ouro são,
Corôas, e Sceptros
Fechados estão.
E para outro lado
Espadas, bastões
E corôas de louro
Estão aos montões.

Pelo chão sem núm'ro
Rólão diamantes,
Pedras preciosas,
Metaes rutilantes.
Em eburneo throno,
Qual outro não ha,
A Deusa s'assenta
Se no Templo está.

Em fúlgidos vasos,
Ante o seu altar,
Gomas Nabatheas
Ardem sem cessar.

A' amor com vaidade
A Deusa mostrava
Toda esta riqueza,
Que em seu Templo estava.
Depois com desdem,
Surrindo-se lhe diz:
*Então, meu menino,*
*Tu es tão feliz?*

O terno Cupido
Que de raiva estalla,
A' Deusa voluvel
Desta sorte falla:
*Se de ouro, nem pedras*
*Tu vês sou senhor;*
*Tambem tenho bens*
*De maior valor.*

Dizendo isto parte
Em vôo despedido
Ao Templo, onde amor
Se venéra em Gnido.

*Agora verás,*
Lhe diz: *hum thesouro,*
*Que val muito mais,*
*Que todo o teu Ouro.*
Contente lhe mostra
Marilia engraçada,
De amantes desejos
Em torno cercada.

Eis-que a Deusa vê
Marilia formosa,
Confessa a victoria,
E foge raivosa.

---

## LYRA VII.

EM quanto o sordido avaro
No seu thesouro empregado,
Sem cessar conta o dinheiro
Com mil usuras ganhado;
Sem jámais descanso ter
Com o receio de o perder:

Em quanto no fragil vaso
Corta o Nauta o salso mar,
Para de longiquas terras
Os cabedaes transportar;
Arriscando nesta lida
Co' a riqueza a propria vida:

Em quanto audaz General
Com ataques, e sortidas
Manda á feia Libitina
Com a sua tristes vidas;
Só para fazer distincto
O seu nome do sangue tinto:

Eu á margem deste rio
Onde o gado a pastar deito,
De Marilia a doce imagem
Conservo dentro em meu peito;
E ao som da suave Lyra
Canto idéas que amor me inspira.

---

## LYRA VIII.

HUM dia que o gado
No prado guardava,
Amor me apparece
Com arco, e aljava.
No tronco mais verde
Que no prado houvesse
Amor me mandou,
Seu nome escrevesse.

Contente partí
Hum tronco buscar,
Para nelle as ordens
Prompto executar.
No tronco d'um freixo
Que viçoso vi;
Quiz gravar amor,
Marilia escrevi.

Tanto que amor vê
O engano feliz,
O nome beijando
Alegre me diz:
*Não temas, Dirceo,*
*Não mudes de côr;*
*Nesse doce nome*
*Escreveste amor.*

---

## LYRA IX.

Como correm brandamente
Da noite as horas sombrias!
Que manso murmurio fazem
Deste rio as agoas frias.
A negra tristeza
Que o sitio produz,
Minha alma conduz
A mil agonias.

As Opacas, grossas nuvens
Que do Sul correndo vão,
A furto deixão raiar
Da Lua o froixo clarão.
A palida luz
Q' a medo apparece;
Ah! quanto entristece
Esta solidão.

Noctivagas aves girão
Neste lugar pavoroso;
E quanto he melancolico
O seu gasnido horroroso!
Seu funebre Canto,
Correio d'afflicção,
Faz meu coração
Mais triste, e saudoso.

Em busca de infeliz preza,
Huns com os outros topando,
Andão carnívoros lobos
Pelos montes ululando.
E se acaso passão
Por estes arbustos,
Mil gélidos sustos
Me estão motivando.

Em fim quanto vejo, e sinto
Nesta triste solidão;
Tudo está produzindo
A mais horrida afflicção.
Funebres horrores
Que causão espanto,
Meu lugubre pranto
Promovendo estão.

Mas se Marilia agora
Neste horror apparecia;
Depressa a noite mudava
Mais Brilhante do que o dia.
Seus olhos formosos,
Que mil prizões tecem,
Aonde apparecem
Tudo he alegria.

## LYRA X.

A' Bella Cyth'rea
Do rosto claro,
Lagrimas correm
Por ter perdido
O filho caro.

Ternos soluços
D'alma nascidos
A Deusa exalla;
E aos ares sobem
Com mil gemidos.
Aos Ceos dirige
Amarga queixa;
E contra o filho
Que ama, e não vê;
Assim se queixa:

Onde t'escondes?
Porque fugiste?
Sem te lembrares
Venus ficava
Saudosa, e triste.
Sem ti Adonis
Feio me parece;
Marte sem ti
Doces encantos
Me não merece.

Vem a meus braços,
Prenda querida;
E sem demora
Vem a meu peito
Dar nova vida.
Debalde em Gnido
Ver-te pensei;
Em Chypre, e Paphos
Da mesma sorte
Em vão busquei.

Já que não ouves
O meu chamar,
Ao mesmo Averno
Se p'ra lá foste
Te irei buscar.
Qual veloz seta
Que o ar sacode;
Venus partio
Buscando amor
Que achar não póde.

Corre emvão todo
Reino da morte;
Té que por fim
Junto a Marilia
A guia a sorte.
No seu cabello
Que tem cahido;
Alegre a Deuza
Encontra amor
Nelle perdido.

## LYRA XI.

ERgástulo cruento
Onde não entra a Aurora!
Pensas que a sombra tua
A vida me devora?
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que os teus ferros
Horriveis, e pezados,
Me tem os rijos ossos
Com dores traspassados:
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que a tristeza
Desta masmorra escura,
Me leva por momentos
A' fria sepultura:
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se o álito que deitas
Tu julgas que me impesta ;
Se pensas que a matar-me
Já pouco , ou nada resta:
Não penses tal maldade ,
Eu morro de saudade.

Se a falta de alimento ,
Se a trabalhosa lida ,
Tu pensas que me tirão
As forças para a vida :
Não penses tal maldade ,
Eu morro de saudade.

Se a pobre nudez minha
Tu julgas que me abate ;
E cuidas que me vence
Tão rigido combate :
Não penses tal maldade ,
Eu morro de saudade.

Se pensas que essas furias
Alectos , e Megéras ,
Me pódem dentro d'alma
Tirar d'amor as véras :
Não penses tal maldade ,
Eu morro de saudade.

Se pensas que da sorte
O horrido governo
Me leva a cada passo
Ao tenebroso Averno:
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Já que até agora,
Horrido canto
Com turvo pranto
Soltei ao ar:
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Não são os ferros
Que me atormentão;
Nem mais augmentão
Este pezar.
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Tudo soffrera,
Nada sentîra;
Se aqui te víra
Neste lugar.
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Só com teus olhos,
Breves instantes,
Dias brilhantes
Me pódes dar.
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Quando discorro,
Que te não vejo,
Nem hum bocejo
Posso formar:
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Vencerás tudo
Quanto me atterra;
Não temo guerra
Tendo-te a par:
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Estes trabalhos
Não me dão corte;
Conduz-me á morte
Não te gozar.
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Mas basta já de canto:
Ergastulo cruento!
Bem vés que não me aterra.
Teu horrido tormento.
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.

Se aqui vier hum dia
Marilia linda, e bella,
A quem minha alma adora;
Lhe dize, que por ella:
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.

## LYRA XII.

*Fortuna, e Dirceo.*

DE Cresso as riquezas
Te mostro, Dirceo,
Se deixas Marília
Será tudo teu.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

De marmor Marpezio,
De Tectos dourados,
Teus grandes palacios
Serão respeitados.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Em aureas Berlindas,
Por Urcos puxadas,
Serás conduzido
Com armas gravadas.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

A pompa luzente
Da Corte brilhante,
Dirceo, por honrar-te
Terás todo o instante.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Se luxo quizeres
Terás luxo tanto;
Que dês aos mais horas
D'inveja, e de pranto.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Trazer-te-ha nas palmas
A propria grandeza;
Que tudo he sublime,
Aonde ha riqueza.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Se Throno quizeres
Dar-te-hei alto Throno;
De terras, e Reinos,
Dirceo, serás dono.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Apenas deixares
Marilia formosa,
De tudo o que digo
Sem dúvida goza.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

*Dirceo.*

Fortuna, que buscas
Com tantos poderes;
Com outros reparte
Teus grandes haveres.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

A prata burnida
Por mão delicada
A frente tão branca
Não he comparada.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Quaes são as Safiras,
Que breves instantes
Lhe deixem sem lustre
Seus olhos brilhantes.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor

As Rosas mais rubras,
A côr da Açucena,
Lhe mostrão na face,
Que lucida scena!
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Na bocca formosa,
Rubins delicados,
Lhe deixão pequenos
Recintos fechados.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Mas ah! que eu não busco,
Marilia, pintar-te;
Por outros motivos
Desejo raivar-te.
Não quero ser senhor.
Mais rico sou d'amor.

Se tu podes tanto,
Fortuna invejosa;
Porque me não tiras
Marilia formosa?
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Marilia he constante,
Dirceo se disvella;
Mais bens não desejão
Nem elle, nem ella.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Val tanto Marilia,
Fortuna cruenta;
Que a seus predicados,
Que mais s'accrescenta?
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Se tu por Marilia
Me dás prata, e ouro,
He que ella mais val
Que todo o Thesouro.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Se pompa, e grandeza
Por ella me tornas;
Com ella, oh Fortuna,
O Templo mais ornas.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Eu quero a Marilia,
Não quero riquezas;
No extremo sou grande,
Não busco grandezas.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Se pobre me vires,
Eu nunca exespero;
Pois tendo a Marilia
De ti nada quero.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Fortuna, não quero
Mais ver-te importuna;
Quem tem a Marilia
Tem toda a fortuna.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

De mim, oh Fortuna,
Te vinga raivosa;
Porque a ti prefiro
Marilia formosa.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

## LYRA XIII.

EM carro de branca neve
Pelos Aquilões puxado,
Assoprando rijos ventos,
Vai fugindo a longos passos
O triste inverno engilhado.
Comsigo levou
A fria Estação;
Agora só corre
Branda viração.

De Favonio a docil aura
Já a Primavera respira;
E de pullulantes flores
Vai vestindo os verdes campos
Que o Inverno destruíra.
Ligeiros Zephiros
Nas azas sostidos,
Por entre os raminhos
Adejão perdidos.

Com sôm medonho esta fonte
No triste inverno corria ;
Hoje em segredo murmura
Convidando o caminhante
Com a linfa pura , e fria.
Com sereno passo
Por estas campínas
Os pés vai beijando
A's lindas boninas,

Que feiticeiros encantos
Não presenta a natureza !
Quanto os meus olhos alcanção ,
Em tudo brilhando está
Huma natural belleza.
Dispostas sem arte
Mil cheirosas flores
O prado matizão
Com vívidas cores.

Mas se a meu lado te visse ,
Minha Marilia adorada ;
Os transportes que em mim sinto,
Mais sublimes os faria
A tua face engraçada.
Em teu lindo rosto
Pôz a natureza
Magicos encantos
Da maior belleza.

## LYRA XIV.

COntente promette
Alcino Pastor
(A dar-lhe Marilia)
Mil votos a Amor.

O dar-lhe Marilia
Amor lhe promette;
Alcino gostoso
Os votos repete.

Marilia adorava
O seu Pescador,
Sem elle hum momento
Não tinha calor.

Dirceo desvelado
Por ella morria;
As trutas mais frescas
Do mar lhe trazia.

Amor bem conhece
Ser cousa odiosa
Roubar a Dirceo
Marilia formosa.

Mas tinha d'Alcino
Mil votos Amor;
Pois era na Aldea
Mais rico Pastor.

Entrou o vendado
Na dura batalha;
E sobre os amantes
Ciumes espalha.

Mas erão tão firmes
Os seus corações
Que o zello não pode
Quebrar-lhe as prizões

Amor cavilloso
Que vive em receio;
Se vão a abraçar-se,
Se mete no meio.

Os braços abrindo
Os quer separar;
Mas fez nos amantes
Mais fogo atear.

Alcino lhe pede
Que cumpra a promeça:
Amor as silladas
De novo começa.

No braço lhe pega,
A ella o presenta,
E as faces rosadas
A elle lhe augmenta.

Marilia engraçada
Sem ter turbação,
Poem logo raivosa
Os olhos no chão.

A elles voando
Lhos quer levantar;
Mas ella constante
Os chega a fechar.

Do caro Dirceo
A vóz escutando,
Para onde elle vinha
Os foi levantando.

Acode-me, acode,
Oh meu Pescador!
Marilia tu vinga
D'Alcino, e d'Amor.

A's vozes acode
O Amante ligeiro ;
E toma nos braços
O bravo frexeiro.

De sorte o aperta,
Q' Amor sossobrado ;
Lhe diz : *Não me mates*,
*Estou emendado.*

*Já sei quanto póde*
*A firme constancia ;*
*Ou sendo em presença*
*Ou quando em distancia.*

Alcino raivoso
Entrou a bradar :
*De ti amor cego*
*Me quero vingar.*

*Já força não tens,*
*Estupido amor ;*
*Enganas a gente*
*Não tendo valor.*

Amor indignado
O busca ferir :
Alcino de medo
Deitou a fugir.

Voltou-se aos amantes
E disse-lhe assim :
*Busquei separallos ,*
*Prendellos mais vim.*

*Quiz dar-te , Dirceo ,*
*Hum fero rival :*
*Se he firme a belleza*
*Astucia não val.*

Dirceo a Marilia
Os braços lançou :
Amor de invejoso
Raivando voôu,

## LYRA XV.

JA' quando baixava Fébo
Do ponto do Meio dia ;
E nos fogosos Ethontes
Para o Sepulcro corria :

Marilia, Pastora bella,
Brancas ovelhas pastava,
Junto d'hum bosque frondoso
Que á margem do Téjo estava.

Sentada no tronco annoso,
Que verdes folhas não tinha ;
Lançava as vistas ao longe
Para ver se Dirceo vinha.

Na mão direita encostado
Tinha o divino semblante ;
E para vê-la o Deos Loiro
Parava d'instante a instante.

Os olhos põem nas ovelhas,
De novo ao monte os erguia;
Mas nas garras da saudade
Dirceo, nem ovelhas via.

De longe a divisa amor
Conhece-lhe a turbação,
Pois só elle por Dirceo
Lhe governa o coração.

Bate as azas; deu hum vôo
Junto da Pastora bella:
Marilia estava de sorte,
Que não foi sentido della.

Amor então s'escondeo
Por detráz do tronco annoso;
Por lhe deixar campo livre
Ao seu extremo saudoso.

Marilia, a quem já dos olhos
Corria o sentido pranto;
Julgando que só estava,
Sólta do peito este canto:

Pastor amado!
Minha alma, e vida!
Como sentida
Aqui me tens?
Pastor que esperas?
Inda não vens?

Como he possivel
Que te demoras?
Sem ver que as horas
Correndo vão?
Deixas Marilia
Nesta afflição?

Eu não te chamo,
Dirceo, ingrato;
Teu terno trato
Mostrado tem,
Que he só Marilia
Teu doce bem.

Nada duvido
Desta verdade;
Mas da saudade
Fero rigor
Rival se mostra
Do meu amor.

Ah! que eu me inflamo
Mais em querer-te;
Porém sem ver-te,
Oh justo Ceo!
Não te demores
Dirceo, Dirceo.

A saudade foi tão forte
De Marilia neste passo;
Que fica encostada ao tronco,
Deixando cahir o braço.

Deixa escapar hum gemido,
Bem proprio nesta paixão;
A vista se lhe pertuba,
Palpita-lhe o coração.

Amor de susto tremeo:
Chega a ella de improviso;
E diz-lhe: *Marilia bella,*
*Deixa o pranto, solta o riso.*

*Dirceo não tarda hum momento;*
*Detraz da montanha o vi;*
*Movendo ligeiros passos,*
*Antes que eu te visse aqui.*

*Por signal vinha cantando*
*Cantigas ao seu amor;*
*Quero repetir-te aquellas*
*Que pude tomar de cõr.*

Marilia, minha amada!
Aonde estás, aonde?
Marilia, minha amada!
Ah! que ninguem responde.
Marilia, responde
Por bocca d'amor
Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada!
Aonde te hei de achar?
Marilia, minha amada...
Não ouço alguem fallar.
Marilia, responde
Por bocca d'amor
Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada!
Marilia, doce bem!
Mirilia, minha amada...
Aqui não vejo alguem.
Marilia, responde
Por bocca d'amor
Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada!
Aonde te hei de ver?
Marilia, minha amada...
Eu sinto-me morrer.
Marilia, responde
Por bocca d'amor
Ao terno Pastor.

Ainda mais Dirceo cantava,
Que eu não pude perceber:
Ah! Marilia, quanto he justo
Teu innocente querer!

Mas ah! não vês a Dirceo
Como corre para nós?
O Cervo buscando a Cerva,
Não, não corre tão velóz.

Amor calla; ella levanta
Os olhos té li fechados;
E vendo que Dirceo vinha,
Respira doces agrados

Novo lustre lhe aparece
Nas maxillas côr de rosa:
Não ha Pastora no Tejo,
Como Marilia formosa.

No rosto lhe revoáva
Huma tão nova alegria;
Que sendo Marilia bella,
Inda mais bella a fazia.

Então Marilia soltando
Vozes d' amor, e desvello;
Já levantada do tronco,
Ligeira se apressa a vê-lo.

Amor junto della corre,
Que tãobem amor quería,
Pois enlaçava os amantes,
Ter parte nesta alegria.

Dirceo chega, e traz nas mãos
Venablo forte aguçado,
De sangue cheio, e o pelico
Tãobem de sangue manchado.

Marilia se assusta logo;
De novo treme, e desmaia:
Amor os braços lhe estende,
Porque na terra não cáhia.

Dirceo lhe diz: oh Marilia!
O teu Pastor nada tem:
Abre os teus luzentes olhos
Não te assustes caro bem.

Levantou Marilia os olhos,
Lindos olhos côr do Ceo;
E logo encontrou aquelles
Do seu querido Dirceo.

*Que sangue he esse, oh querido?*
Marilia lhe perguntou:
Dirceo surrindo o semblante,
Desta sorte lhe fallou:

*Quando descendo da Serra*
*Trilhava o nosso caminho;*
*Vejo hum Javali deitado*
*Entre hum alto rosmaninho.*

*Tremi de susto lembrado*
*Que tu havias passar ;*
*Fosse mais tarde , ou mais cedo*
*Junto daquelle lugar.*

*Sem trazer armas algumas*
*Temi atacar a fêra ;*
*Qual seria meu desgosto*
*Cára Marilia pondera.*

*Ligeiro busco a montanha ,*
*Chego á Cabana , e tomei ,*
*D'entre os venábulos que tinha*
*Este mais forte que achei.*

*Desço a montanha apressado ;*
*Vejo a fêra , que sahia*
*C'os cabellos eriçados*
*Do lugar em que dormia.*

*Corro a ella : a mim se avança ;*
*Teu nome invoco , e d'Amor ;*
*Feri-a logo , e na morte*
*Não teve mais que huma dôr.*

*Vem comigo prenda amada ,*
*Vem ver o triunfo meu :*
*Para libertar Marilia*
*Não teme a morte Dirceo.*

*Da-me os teus braços em premio*
*Deste trabalho que tive ;*
*Tu vives para Dirceo ,*
*Dirceo para ti só vive.*

Então estendendo os braços,
Hum ao outro se abraçou :
Amor chegando-se a elles
Mais os laços apertou.

Amor cheio de prazer,
Soltando as vozes ao ar ;
Em louvor dos dous amantes
Assim começa a cantar :

*Marília formosa*
*Mais bella q' a rosa ;*
*D' amor são desvellos*
*Teus negros cabellos ,*
*Teu rosto gentil.*
*Amor te annuncíu*
*Prazer , e alegria ,*
*Nos braços amantes ,*
*Nos olhos brilhantes*
*Do cáro Dirceo.*

*Dirceo eu t' auguro*
*No tempo futuro ;*
*Mais ditas , e gosto*
*Marilia no rosto*
*Te póde mostrar.*

*Constante ventura*
*Carinhos, ternura*
*Terás conservada*
*No peito da amada,*
*No seu coração.*
*Os premios são estes,*
*São estas as vestes,*
*Que amor vos destina*
*A amar-vos ensina*
*No dia melhor.*

Trez vezes bateo as azas
Sobre Marilia e Dirceo;
E rompendo os denços ares
Delles desappareceo.

*He mais doce que o mel teu terno agrado*

# SONETO.

MArilia chega, que dirceo t'espera
Sobre as candidas azas da alegria:
Chega querido bem, trazes o dia,
Em que a inveja ferína s'exespera.

Apenas no Orisonde amanhecera,
E Febo os louros raios repartia;
Já dentro nesta Aldêa se sabía,
Que a causa deste bem, Marilia era,

Tu já ves como salta o Cordeirinho
Alegre atraz da mãi no verde prado:
Ouves cantar o alado passarinho:

Pizas a inveja, rindo-te do Fado:
He mais puro que o leite o teu carinho
*He mais doce que o mel teu terno agrado.*

*Recebe os cultos deste peito amante.*

## SONETO.

OH Marilia gentil ao Templo vamos
Onde amor tem na Pira fogo ardente;
Quero-te alli; dezejo-te prezente;
Pois que os dons da firmeza em nós levamos.

Este o grande Portal; já que chegamos
Repara nesta Massa reluzente;
Impuro coração não se consente
Em torno ás Aras, onde a vista alçamos,

Aqui l' Amor a chama s'accrescenta
Em todo o peito fido, alma constante,
Aqui se morde a entriga turbulenta.

Mas, Marilia! meu bem! hum breve instante
Ao Altar sobe, junto a Amor t' assenta
*Recebe os cultos deste peito amante.*

FIM.

auzente de ti Marilia que farei hiro

Morrer

Antonio Moreira de Silva Coelho

A Jose Antonio Mor.ª de S.ª Coell

ma

24810